

MARA CHRISTINA VILAS BOAS

O ENSINO COM PESQUISA COMO METODOLOGIA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO REALIZADO NO
CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR

CURITIBA

1999

MARA CHRISTINA VILAS BOAS

**O ENSINO COM PESQUISA COMO METODOLOGIA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO REALIZADO NO
CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR**

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Doutor Jayme Ferreira Bueno.

CURITIBA

1999

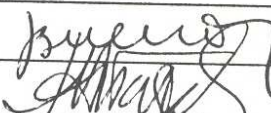
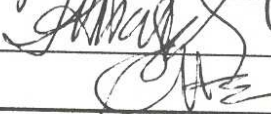


Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Departamento de Educação
Mestrado em Educação

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º 156

Aos seis dias do mês de maio de um mil novecentos e noventa e nove, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação **"O ENSINO COM PESQUISA COMO FATOR DE MELHORIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO"**, apresentada por **Mara Christina Vilas Boas**, ano de ingresso 1996, para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno	
Prof. ^a Dr. ^a Lízia Helena Nagel	
Prof. ^a Dr. ^a Marilda Aparecida Behrens	

De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno	Conceito <u>A</u>
Prof. ^a Dr. ^a Lízia Helena Nagel	Conceito <u>B</u>
Prof. ^a Dr. ^a Marilda Aparecida Behrens	Conceito <u>A</u>
	Conceito Final <u>A</u>

Observações da Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Sabbag Zainko
Diretora da Área de Educação
Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ser a razão de todas as coisas e àquela que sempre se doou em favor do próximo e, sem a qual eu não teria trilhado sequer os primeiros passos de minha jornada rumo ao conhecimento: minha Mãe, Dalva.

E a você, Fernanda, pela sua paciência incomum para uma criança que teve tantos momentos privados em favor do meu trabalho.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO.....	01
DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	07
DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	09
JUSTIFICATIVA.....	10
METODOLOGIA.....	17

CAPÍTULO II

O CONCEITO DE AÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	19
--	----

CAPÍTULO III

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	36
---	----

LEVANTAMENTO E TABULAÇÃO

DOS QUESTIONÁRIOS.....	45
------------------------	----

CAPÍTULO IV

A FORMAÇÃO DO CORPO DOCENTE NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO.....	64
--	----

LEVANTAMENTO E TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	69
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA UMA NOVA PRÁTICA.....	92
TÉCNICAS DE SECRETARIADO E SUA INTERDISCIPLINARIDADE	97
CAPÍTULO V	
A PRÁTICA PEDAGÓGICA ADOTADA E SUGERIDA	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
BIBLIOGRAFIA	114
ANEXOS	118

LISTA DE QUADROS

Gráfico 1 - ANÁLISE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS ALUNOS DO 1.º ANO
(Distribuição percentual das notas das provas bimestrais dos alunos de 1.º ano do Curso de Secretariado Executivo)

Gráfico 2 - ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DISCENTE
(Índice de retorno dos questionários)

Gráfico 3 - ÍNDICE DE FREQUÊNCIA DE PESQUISA
(Índice de prática de pesquisa para os alunos do Curso de Secretariado Executivo).

Gráfico 4 - MOTIVOS PARA PESQUISA NO CURSO
(Fator que mais contribui para que o aluno de Secretariado Executivo faça pesquisa)

Gráfico 5 - MEIO MAIS PRODUTIVO DE ESTUDO

Gráfico 6 - FORMA DE AULA PREFERIDA

RESUMO

Este trabalho se configura como um Estudo de Caso realizado no Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR. Inicialmente, questiona a formação tecnicista que consiste na reprodução do saber e na qual o professor aparentemente ensina e o aluno copia, como forma de aprendizado. A seguir, o estudo pesquisa professores que lecionam no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR e de outras Instituições e alunos do Curso da PUCPR sobre a forma de ensino vigente nesse curso. Com os dados levantados, é apresentada uma proposta de Ensino com Pesquisa, por se considerar ser esta a metodologia que pode alterar a atual prática pedagógica, passando de um paradigma tecnicista para um paradigma inovador. Busca-se com essa metodologia de ensino passar da mera reprodução para a construção do conhecimento.

ABSTRACT

This dissertation is characterized as a Case Study carried out in the undergraduate course of Secretarial Studies, at Pontificia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Initially it calls into question the student's technical formation that consists of knowledge reproduction and in which the professor apparently teaches and the students copy as a learning process. Next, this study investigates the Secretarial Studies' professors and students profile, and faculty from other Institutions that offer the Course. With the result data it is presented a "teaching through research" proposal, once it is considered to be the methodology which can change the current educational practice, moving from a technical paradigm toward an innovating one. It is sought with this teaching methodology to change from the simple reproduction to the knowledge build-up.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

Vive-se numa sociedade em que ainda há muitos profissionais que se formaram num paradigma tecnicista da ciência. Essa tendência permeou e orientou os estudos por muito tempo. Como reflexo dessa formação, há profissionais, não apenas em atividades liberais, mas, principalmente, professores que, no exercício do magistério, ainda seguem essa orientação.

A estrutura da nossa sociedade, em determinado momento, favoreceu determinados setores da área tecnológica, o que influenciou na educação, tornando-a mais tecnicista, valorizando a lógica racional em detrimento da construção do saber. A produção do saber ficou relegada a segundo plano. A educação e a cultura não eram bem-vindas naquele contexto, que visava especialmente à formação de técnicos. Uma educação mais crítica certamente resultaria em uma população mais conscientizada a respeito não só de seus deveres, mas principalmente dos seus direitos como cidadãos.

Assim, na maioria das vezes, as instituições de ensino foram e algumas ainda são criadas e utilizadas pela sociedade para a reprodução do sistema. Sabe-se que o paradigma tecnicista influenciou, por muito tempo, o processo metodológico e pedagógico do ensino então chamado de 1.º e 2.º graus. Isto fazia com que se

mantivessem as estruturas de poder. A escola em nosso país, em vez de atuar como formadora de pessoas e de profissionais críticos, atuou mais como agente diferenciador, reforçando a desigualdade social.

Essa fase de ensino tecnicista iniciou-se com a Revolução de 30, quando novas formas de mão-de-obra surgiram em decorrência da necessidade do mercado de trabalho no processo de modernização e industrialização do país. Foi reforçada por várias leis: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968, Lei n.º 1.258, de 1988 e, principalmente a Lei n.º 5692 de 1971. Esta última veio intensificar o positivismo na educação, quando diz, no Art. 1.º: "O ensino de 1.º e 2.º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania" (IN: LDB: quadro comparativo, Elias de Oliveira Motta, p. 50).

Quanto ao ensino superior, diz a Lei 5.540/68, em seu Art. 1.º: "O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário" (op. cit., p. 63). Chama-se a atenção para a ênfase dada em uma e em outra Lei, quando ressaltam a necessidade de formação de um profissional para o mercado de trabalho. Na primeira, o profissional deverá ser consciente de suas obrigações para com o Estado ("exercício consciente da cidadania"), além de ser portador de técnicas necessárias para o trabalho; já a Lei 5540/68 previa em seu Art. 1.º, a pesquisa, mas não apontava caminhos para a sua realização.

Pode-se dizer que se conseguiu algum avanço com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, denominada Lei Darcy Ribeiro, em que, ao contrário das anteriores, afirma a necessidade de se buscar, no ensino médio: “a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; a preparação básica para o trabalho e a cidadania; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (Op. cit., p.50).

Essa mesma Lei, em seu Art. 43, que trata da Educação Superior, diz que se deverá estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo dos acadêmicos, os quais deverão participar no desenvolvimento da sociedade brasileira, buscando a formação contínua, o melhor entendimento entre o homem e seu meio, a integração de conhecimentos e o estabelecimento de uma relação mais integrada com a comunidade (IN: *Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior*, ano 14, n.º 17, LDB, p.19).

Tem-se, hoje, uma realidade que acompanha o meio acadêmico desde a época da Revolução de 30, quando a classe média, impedida de ascender por investimentos e poupança, tendo em vista processo de concentração de renda e propriedade, viu nos estudos um meio de galgar posições, em meio àquele novo sistema. Esse meio era preparar-se tecnicamente para ingressar em grandes companhias industriais.

Essa situação continuou e, em decorrência, procurou-se promover novos cursos que atendessem à demanda de exigências da nova situação social. Justifica-se, assim, em parte, a grande corrida às universidades apenas em busca de um diploma de curso do 3.º grau, como acontece, por exemplo, no Curso de Secretariado Executivo.

Em virtude disso, tem-se hoje uma problemática bastante acentuada, que é a não produção do saber, a falta de cientificidade no curso. Observa-se que dificilmente o professor conta com uma maior pré-disposição do aluno com relação a essa produção. Os motivos seriam os mais conhecidos e variados: a falta de interesse, a questão do ensino noturno, o não preparo do aluno para reflexão, etc.

Importante dizer que essa atitude é reflexo do paradigma reprodutivo de que tanto professor quanto aluno são vítimas e algozes: o primeiro por ter em sua classe profissional colegas que ainda trabalham da mesma maneira que aprenderam, e os segundos, por se acomodarem com um ensino ultrapassado.

Como docente, é comum encontrar resistência no meio acadêmico quando se solicita o estudo por meio da pesquisa. Isso é natural, uma vez que, como já foi dito, o estudo feito até então fora todo enciclopédico, com verdades prontas e acabadas, poupando ao aluno, e depois aos próprios futuros professores, um método científico para a produção do saber, como, por exemplo, a pesquisa.

Os docentes também sofrem as conseqüências de um ensino puramente tradicional. Afinal, de acordo com a pedagogia tradicional, professor é aquele que tem resposta para tudo e para todos. Como reverter essa incômoda situação de aparentemente “mal preparado” para a de cômico de que não se sabe tudo, mas se

está disposto a buscar resposta para as dúvidas que surgem? Enquanto isso não acontece, dá-se, assim, o processo vicioso da reprodução do saber.

É sabido que, a cada dia que passa, faz-se necessária uma atualização constante de todos os profissionais. Nessa atualização, devem-se incluir, além dos professores, também os alunos, que serão os futuros profissionais. Deve-se considerar que esse contínuo aperfeiçoamento não acontece só por força da nova Lei de Diretrizes e Bases, mas tornou-se uma exigência da própria sociedade.

É na situação de docência que o quadro se torna mais visível. O professor não foi preparado para buscar a construção do próprio conhecimento, e os alunos, que geralmente pensam pelas idéias que lhes foram impostas, não apresentam a tradição da pesquisa. Considerando que esse docente não foi preparado dentro do paradigma do Ensino com Pesquisa, é natural que não busque novas práticas pedagógicas, pois lhe faltam subsídios para tanto. Isso contribui para a escassez de trabalhos voltados para a melhoria dessa prática, principalmente no ensino superior, como afirma Moraes: "Embora quase todos percebam que o mundo ao redor está se transformando de forma bastante acelerada, a educação continua apresentando resultados cada vez mais preocupantes em todo o mundo e a grande maioria dos professores ainda continua privilegiando a velha maneira como foram ensinados, reforçando o velho ensino, afastando o aprendiz do processo de construção do conhecimento...". (MORAES, 1997, p. 16).

Por outro lado, há um equívoco com relação ao Ensino com Pesquisa, e que deve ser evitado, o que fica bem elucidado nas palavras de Maria Isabel da Cunha: "Parte-se do pressuposto de que a relação ensino e pesquisa se dá quando o

professor estabiliza-se como investigador e traz para a sala de aula resultados de seus estudos. Sem dúvida, se este é um comportamento desejável, não é suficiente para garantir indissociabilidade e muito menos o desenvolvimento de habilidades científicas no aluno." (CUNHA, 1997, p.6).

Pior do que a falta de construção do conhecimento é a relutância em aceitá-lo, pois o Ensino com Pesquisa é feito mais de erros do que de acertos, o que foge completamente à prática das verdades prontas, acabadas e memorizadas. Percebe-se, então, que a realidade do professor em formação tem dois grandes desafios: o de se melhorar e o de ajudar aos outros, os alunos, a se prepararem para melhorar.

Assim, propõe-se buscar uma nova postura, uma nova ação docente, justificada pela necessidade de se reverter o quadro do ensino tecnicista/positivista, considerando que este não tem proporcionado ao aluno um bom desempenho humano e profissional dentro de uma nova visão de mercado. Essa situação é decorrente da ausência de produção do conhecimento e da preparação e motivação para a pesquisa. É necessário que se estude a natureza do momento atual para uma proposta mais centrada no Ensino com Pesquisa. Isto beneficiará não só o aluno como também o professor, uma vez que passam a crescer, metodológica e cientificamente, juntos. A ausência de cultura de Ensino com Pesquisa traz dificuldades não só para a vida pessoal, mas também para o profissional, por não proporcionar o desenvolvimento de uma visão múltipla, holística, questionadora, uma visão ampla de todo o processo não só educacional, mas também da vida e de seus elementos diretamente ligados entre si (CAPRA, 1996).

Buscando romper com essa formação tecnicista que recebeu e que vinha transmitindo, a autora buscou melhor preparo por meio de contínua atualização pedagógica. Primeiro, fez o Curso de Especialização em Didática do Ensino Superior, no qual teve oportunidade de defrontar-se com a realidade da pesquisa. Hoje, como docente na disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, do curso de graduação de Secretariado Executivo da PUC-PR, vê a necessidade de buscar novas metodologias para a prática pedagógica, como a do Ensino com Pesquisa, para a melhoria de suas aulas.

A identificação do problema se deu justamente pela vivência como discente e depois como docente, que se ressentia da falta de conhecimento de novas metodologias, como a do Ensino com Pesquisa, a busca e produção de conhecimento. Por toda essa problemática apontada, a autora achou por bem pesquisar as variáveis implicadas nesse processo, desde 1991, quando iniciou estudos para redigir a monografia do curso de Especialização.

2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O Curso de Secretariado Executivo e a profissão de Secretário Executivo têm conquistado espaços cada vez maiores dentro do mercado, graças à formação eclética e multidisciplinar, que o Curso oferece e que o profissional assimila.

O Secretário Executivo precisa de constante reciclagem e busca de conhecimentos, antes, por força da própria profissão e, agora, por força da necessidade de sobrevivência profissional, num contexto de grande concorrência. Porém, como levar esse aluno a se preparar, a melhorar sempre mais, tornando-se competente para ser competitivo? Qual a atitude, a ação docente que motive esse aluno à pesquisa? Na chamada Era do Conhecimento, é imprescindível que cada profissional saiba buscar o próprio aperfeiçoamento, o qual terá na pesquisa a melhor forma de realizar-se.

Os egressos do Curso de Secretariado Executivo e, conseqüentemente, os futuros professores desse Curso, não receberam esse tipo de ensino, o Ensino com Pesquisa. Daí a necessidade de mudança.

Assim, esta dissertação proporá um trabalho de Ensino com Pesquisa em Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, disciplina que a autora leciona. O ensino com pesquisa será um recurso que a docente irá aplicar, no sentido de contribuir para que o aluno possa desenvolver o seu próprio conhecimento.

Foi levando em consideração o exposto que se definiu o problema central deste estudo:

Como o Ensino com Pesquisa pode proporcionar melhoria na ação docente e discente no Curso de Secretariado Executivo?

Como proposta de trabalho, acredita-se que a melhoria se dará tanto na ação do professor como na ação do aluno.

O professor, ao pesquisar, está em contínuo processo de aprendizagem e reciclagem de conhecimentos. Com isto, estará sempre pronto a enfrentar os desafios que surgem com as novas gerações de alunos do curso superior, que hoje são questionadores, porém, sem tradição de pesquisa. Com o Ensino com Pesquisa, o professor encontrará resposta científica às suas dúvidas, à medida que também será dada a oportunidade aos alunos de vivenciarem a pesquisa em sala de aula. Isto também virá a contribuir para um melhor entrosamento e ação docente, o que proporcionará o ensino de mão-dupla: do professor para o aluno e do aluno para o professor.

O aluno, com o ensino com pesquisa, passará a ser conhecedor de suas limitações e passará à busca da superação de suas deficiências no processo de conhecimento. Isto contribuirá de forma inegável para o seu desenvolvimento não só profissional, mas também humano, uma vez que estará atendendo às necessidades de uma nova era mundial, a Era do Conhecimento. Assim, por meio da pesquisa, poderá preparar-se para ser um profissional de alta competitividade.

3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Inicialmente, será feita pesquisa bibliográfica para um melhor delineamento do assunto em questão. Em seguida, será realizado um levantamento

da situação do Ensino com Pesquisa junto aos alunos do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR, para guiar todo o processo de estudo do tema.

Por ser a autora docente do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR, na disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, estritamente técnica, como o próprio título indica, decidiu-se também por aplicar questionário junto a alunos de todos os anos do Curso, a fim de levantar suas reais necessidades, predisposição e concepções de ensino e de estudo com pesquisa.

4. JUSTIFICATIVA

Com a intensificação do ensino com pesquisa no país e com a retomada do conhecimento e sua difusão, faz-se imprescindível uma ação docente dentro do curso de graduação, buscando reverter o cunho eminentemente tecnicista, que ainda predomina em algumas situações, e tornar o ensino uma prática mais democrática e participativa por parte de professores e alunos.

Muito se tem feito ultimamente. Vê-se um grande movimento por parte dos educadores em relação ao que vem a ser a educação, meio e objetivos que deverão ser atingidos, implicações sociais, políticas. Fala-se, num caso mais específico, dos problemas encontrados no curso de Secretariado Executivo, no qual se adquirem conhecimentos básicos de sua área de atuação, sem, contudo, haver preocupação com a produção científica daqueles alunos que saem com uma visão

tecnicista e, devido a isso, talvez não estejam tão engajados com as verdadeiras necessidades sociais.

Entre os anos de 1966 e 1967, as Universidades viram-se obrigadas a reformar seus estatutos e sua estrutura, passando a seguir o modelo organizacional Taylorista, que consistia num modelo fragmentado. O ensino acabou absorvido de tal maneira pelo positivismo reinante, que até mesmo o então ensino de 1.º e 2.º graus passaram a pautar-se por questões objetivas adotadas nas provas do Concurso Vestibular. (CUNHA, 1989).

Esse mesmo autor propõe melhorar o ensino por meio de pesquisa, além de buscar a profissionalização docente e a implementação da qualidade. No entanto, levanta problemática bastante polêmica, quando afirma:

Ao contrário do que pretendem certos brasileiros admiradores do college norte-americano, os cursos profissionais superiores, a nível de graduação, vieram para ficar. São irrealistas as propostas de transferi-los para a pós-graduação ou para institutos não universitários, como regra geral. Menos ainda, para a administração dos organismos profissionais. No entanto, é preciso reconhecer que nem todo curso vale a pena ser ensinado, numa universidade. Medicina, história, engenharia e física, não há dúvida. Mas, o que dizer de serviço social, arquivologia, turismo, secretariado ou economia doméstica, só para mencionar alguns exemplos? (CUNHA, 1989, p. 76).

Justamente pelo fato de o Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR estar inserido no contexto universitário e, por ser essa inserção fato irreversível, conforme aponta o citado autor, cabe desenvolvê-lo dentro de um novo paradigma educacional: “devem ser tomadas medidas especiais para que os cursos de humanidade não caiam no domínio das faculdades especializadas na - venda - de diplomas, sem o correspondente conteúdo acadêmico”. (CUNHA, 1989, p. 77).

Justifica-se, assim, a necessidade de pesquisa em todas as áreas do saber; até porque é humanamente impossível trabalhar tudo sobre todas as matérias, principalmente em Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, altamente interdisciplinar. A melhor maneira é justamente oferecer meios para esse profissional desenvolver-se. Neste caso, segundo a proposta deste estudo, é o Ensino com Pesquisa.

Percebe-se, porém, que a ação docente também influencia. O professor terá que dar início ao processo de ensino com pesquisa para poder pensar que ele venha ter continuidade junto aos alunos. Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que ser professor pesquisador é uma coisa, outra é fazer com que os alunos pesquisem, quando professor e alunos são frutos desse, ainda reinante, ensino tecnicista. Isto justifica toda e qualquer pesquisa científica que busque novas práticas pedagógicas voltadas ao Ensino com Pesquisa.

Muitos estudantes optam por algum curso noturno pelo simples fato de fazerem parte de um pequeno universo de oferta e por precisarem do diploma de curso superior para ascensão profissional. Esta prática, aliás, já está saturada como forma de seleção de mão-de-obra, cada dia mais difícil e competitiva. No entanto, se aplicado de forma correta, pode vir a contribuir com um processo de nivelamento dessa mão-de-obra disponível, fazendo com que os profissionais se equiparem por parâmetros de alto nível intelectual e profissional. Como consequência, pode promover a ascensão cultural, intelectual e profissional do trabalhador brasileiro.

Segundo Maria Isabel Cunha (IN: VEIGA, 1996), a questão do Ensino com Pesquisa é um desafio, pois vai contra todo o poder instalado até então. O conhecimento é sinônimo de poder e, como tal, foi mantido afastado da população

brasileira. Não se defende o Ensino com Pesquisa apenas por se estar em época de transição, pois sempre se estará às voltas com tais períodos de mudanças. A meta é buscar ensinar como se preparar para essas transições.

Tem-se, por outro lado, uma questão social muito maior a respeito do referido assunto, que exige uma reflexão muito mais aprofundada: se a Universidade estiver colocada como hoje está, como um instrumento seletivo para mercado de trabalho e, se continuar tendo essa preferência por diplomas de cursos com orientação tecnicista, será preciso tomar cuidado com a qualidade do ensino e com a qualidade do profissional que se está lançando no mercado. Isso repercutirá de maneira bastante profunda na sociedade e, mais uma vez, deve-se salientar a urgência de se introduzir o Ensino com Pesquisa, como meio de formar o novo profissional.

Partindo da premissa de que o mercado de trabalho se renova constantemente e passa a ser cada vez mais competitivo, cumpre observar que o curso de graduação representará um mínimo na formação inicial desses profissionais. O mercado está em reciclagem constante e, dentro de alguns anos, o campo de trabalho estará saturado. Os profissionais deverão atualizar-se com frequência, a fim de estarem em condições de igualdade com a crescente competitividade profissional. Para tanto, deverão estar aptos à reflexão e à criatividade, voltados, igualmente, para um estudo que também propicie formação cidadã e crítica. Aqui, faz-se importante ressaltar que a universidade será detentora dessa responsabilidade: a de formar pessoas não só para o mercado, mas também

para a vida, na forma de cidadãos críticos, responsáveis e que busquem uma melhor qualidade de vida.

Considerando que a Universidade tem um compromisso com o saber mas também com a sociedade, com a comunidade (FÁVERO, 1989), é redundante dizer que é a isso que se deve buscar, uma vez que se está caminhando para a era do saber, em que saber será sinônimo de poder e, não apenas o saber técnico. A produção de conhecimento tem que ser característica distintiva da Universidade.

Sabe-se que uma pedagogia fundamentada no processo científico, além de uma concepção clara do que seja ciência, requer a proposição de como ensinar. Não se podem fazer apenas citações verbais, mas proporcionar a aquisição do comportamento científico.

Por meio do Ensino com Pesquisa, espera-se definir uma melhor atitude, ação, que gere comunicação e conseqüente motivação de acordo com o desenvolvimento cognitivo desse aluno, para que se possa chegar a um consenso sobre o tipo de ação docente a ser adotada perante esse grupo, a fim de provocar empatia o suficiente para levá-los ao estudo com pesquisa.

É necessário enfocar a presente questão, considerando-se a crescente tendência de separação nas culturas técnicas, em detrimento do conhecimento generalista, condição "sine qua non" para os profissionais do futuro. (BRUNER, p. 71).

Não é fácil descobrir qual a melhor proposta de trabalho, porém, acredita-se que trabalhando com uma ação docente baseada no ensino com pesquisa, é possível motivar o aluno que recebeu uma formação tecnicista a buscar, nessa

forma de ensino, a complementação e produção do seu saber. Esta proposta busca alertar para a presente realidade, evitando-se o distanciamento entre os tipos de conhecimento, o que acaba gerando ausência de produção do saber. Assim, buscar-se-á uma mudança de paradigma: do ensino tecnicista para o de Ensino com Pesquisa.

Uma das barreiras que podem surgir é o fato de o ensino tradicional ter trazido determinadas certezas, o que resulta em aparente segurança. Já o Ensino com Pesquisa depende de respaldo de outros, o que talvez faça com que a segurança não aconteça de imediato. Nas palavras de Maria Isabel da Cunha sobre pesquisa, ressalta-se essa situação: "A dúvida é sua companheira permanente e o erro é considerado importante no processo de construção do conhecimento. O conhecimento é sempre provisório, um processo que se refaz a cada momento". (IN: VEIGA, 1996).

Segundo CUNHA (1996), antes da proposição de qualquer projeto pedagógico/metodológico, mudança de paradigma e novo fazer da sala de aula, há a necessidade de descobrir qual é a intencionalidade da instituição de ensino que a acolherá.

Para a existência de qualidade de ensino, é necessária a construção da identidade da Universidade pelo ensino, pela pesquisa, pela extensão e pelo fazer acadêmico. Uma das premissas básicas da PUCPR é colocar a Universidade a serviço da sociedade, buscando preparar o melhor profissional. Este foi o desafio da Universidade de todos os tempos, desde a época de sua criação, na Idade Média.

Vê-se que a PUCPR está ciente da necessidade da produção do saber, da necessidade de não se dividir entre ensino e pesquisa. Percebe-se isso, de forma clara, nas palavras de seu Reitor, Clemente Ivo Juliatto, quando diz:

Conseqüentemente, professores e alunos são igualmente estimulados nesse processo, e a irmandade só é verdadeira quando o professor se mostra um verdadeiro aprendiz e demonstra efetivamente aos seus alunos como se aprende. Na medida em que o professor fracassa em fazê-lo, falha em seu papel principal de orientar o desenvolvimento de maturidade intelectual e formação aberta a uma sociedade dinâmica, condição importante para que se tornem líderes efetivos nessa sociedade. (JULIATTO, 1998, p.3).

Não se pode falar de bom professor sem falar de preparo constante, reciclagem, formação continuada e de atualização. A Pontifícia Universidade Católica do Paraná tem consciência do valor da educação continuada e busca por meio de Programas de Mestrado e de Cursos de Especialização, nos quais já começa a existir pesquisa, a melhor formação de seus docentes.

É claro que a PUC-PR tem por objetivos não só a formação do profissional, mas também a do cidadão. Está consciente em relação ao seu papel junto à sociedade, pois se infere que, pelo preparo do cidadão, ter-se-á o desenvolvimento da criticidade, da formação de opinião e da própria qualidade e perenidade como instituição.

Enfim, o conjunto de todos os fatores institucionais irão privilegiar, ou não, o ensino com pesquisa dentro da Universidade. No entanto, ainda assim, cabe ao docente o trabalho de mudar pela sua própria iniciativa e alcance dentro da sala de aula.

5. METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa não se pretende como um trabalho fechado, de linhas estanques, e positivista; pelo contrário: procurar-se-á, aqui, legitimar cientificamente a proposta já delineada. Segundo diversos autores, as Ciências Humanas, por suas especificidades, possuem metodologia própria.

Como a presente proposta de trabalho visa a estudar o homem em um determinado momento com as ações e os acontecimentos que o cercam, em particular, a pesquisa que será realizada se enquadra na classificação de pesquisa qualitativa. Os dados que serão levantados servirão para orientar o trabalho, como elemento de discussão e de modificação da situação atual no âmbito pesquisado.

Os primeiros passos metodológicos seguem descritos:

Considerando que o presente trabalho visa a confirmar a possibilidade de se trabalhar com uma nova metodologia de prática pedagógica, o ensino com pesquisa, aliada aos componentes motivação e intenção, tanto docente quanto discente, optou-se pela pesquisa qualitativa participante. Nesta, “pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes (...)”. (BRANDÃO, 1990, p.11).

A proposta de trabalho foi primeiro de se constatar se os professores da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório transmitiam efetivamente sua motivação e intenção ao ensinar, como decorrência da prática do Ensino com Pesquisa. Em segundo lugar, foi de verificar se, isto feito, o aluno

modificava seu comportamento típico de quem veio de um ensino tradicionalista para uma postura crítica e participativa e, finalmente, sugerir práticas docentes, que possam proporcionar condições de alteração de paradigma. Dessa forma, o trabalho visa a passagem do paradigma tecnicista para um paradigma de construção do saber na prática pedagógica. Segundo nossa proposta, a metodologia que permite essa passagem é o Ensino com Pesquisa.

Assim, propuseram-se as seguintes investigações:

- investigação junto aos professores da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório da PUCPR para se poder traçar um perfil da prática metodológica atual e da incidência do ensino com pesquisa, da motivação e intenção;
- investigação junto aos professores da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório das principais Universidades que ofertam o Curso Superior de Secretariado Executivo;
- investigação junto aos discentes do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR para se poder traçar o perfil do comportamento dos alunos com referência ao ensino com pesquisa, à motivação e intenção.

Os dados colhidos serão analisados, para desenvolvimento desta dissertação e, principalmente, para se fazer uma proposta de melhoria do ensino no Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR.

CAPÍTULO II

1. O CONCEITO DE AÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo PAVIANI (1990), a concepção profissionalista dos cursos universitários é uma das grandes dificuldades para a verdadeira formação universitária. Esta deveria primar pelo desenvolvimento da versatilidade intelectual da pessoa e direcionar para o bem comum.

Ao se propor uma ação docente voltada para o ensino com pesquisa, também se quer dizer que o professor deverá buscar a melhor compreensão de todo o processo por parte do aluno, expondo-lhe as bases, os objetivos e o desenvolvimento do trabalho a ser desenvolvido, em conjunto, por professor e discentes. Para tanto, faz-se necessário que o docente busque uma comunicação eficaz com esse aluno. Neste contexto, pode-se perguntar: o que é ação? É um fazer e não um acontecimento observável, daí a necessidade de articulação e também de observação: nem um nem outro traz, isoladamente, o saber. Outro ponto fundamental dentro da ação é a intenção. É importante saber por que se fez aquilo. Principalmente perante o aluno, é importante que se diga "a intenção com a qual" se faz alguma coisa, "caráter de desiderabilidade", o que Aristóteles chamava o "desejável". (IN: RICOEUR, 1988, p. 33)

Buscou-se em Ricoeur uma abordagem de ação. De acordo com esse autor, é justamente no jogo da linguagem (quando se responde a perguntas, como: o

que vai fazer? por que o faz?), que o conceito de intenção adquire sentido. (RICOEUR, 1988, p.42).

Ricoeur mostra três variáveis para a classificação do conceito **intenção**: tenho a intenção de fazer tal coisa; fiz isso intencionalmente; esta coisa foi feita com tal ou tal intenção. Para ele, a terceira é a que melhor denota, hermeneuticamente falando, a melhor aplicabilidade do conceito **intenção**: “é uma forma de considerar, de interpretar a ação; (...) Ao explicitar a minha intenção pelos motivos, intento menos dar uma explicação do que uma significação, tornar inteligível a outrem e a mim mesmo; isto é interpretar: considerar algo como isto ou aquilo (...) a razão é o que torna a ação compreensível para os outros e para mim mesmo ”. (RICOEUR, 1988, p. 44).

Em Ricoeur, quando cita Paul Grice, tem-se um novo sentido para intenção: a intenção de que o locutor possa produzir algum efeito no interlocutor quando do devido reconhecimento dessa intenção.

A hipótese de se verificar como se processa o desenvolvimento cognitivo do alunado do ensino superior justifica-se com Jerome Bruner, quando Linaza transcreve o que segue: “La disposición del niño para aprender no es idéntica em los diferentes momentos del desarrollo pero, a lo largo de todo él, hay una capacidad para aprender que puede movilizarse si se aborda la enseñanza desde el conocimiento de esas etapas y sus características. A ello es a lo que Bruner se está refiriendo cuando habla de un modo honesto de enseñar”. (“A disposição da criança para aprender não é idêntica nos diferentes momentos do desenvolvimento, porém ao longo de todo o desenvolvimento há uma capacidade para aprender que pode

mobilizar-se no caso de se abordar o ensino desde o conhecimentos dessas etapas e suas características. A isso é que Bruner está se referindo quando fala de um modo honesto de ensinar” - tradução da autora).(Linaza, IN: BRUNER, 1984, p.19).

Assim, pergunta-se: qual a estrutura intelectual implícita em cada nível do desenvolvimento cognitivo? Considera-se, naturalmente, que a aquisição, transformação e avaliação seriam inerentes a todos os níveis. Deve-se ter em mente, de acordo com Bruner, que a educação é tudo aquilo que se refere à transmissão do conhecimento entre grupos. Porém, a cultura é que irá modelar e ampliar as capacidades cognitivas do homem, assim como utensílios e ferramentas contribuem para modificar as habilidades e capacidade do ser humano para transformar o mundo físico.

Deve-se passar, também, pelos níveis de desenvolvimento, uma vez que os mesmos nos propiciarão uma seqüência natural e previsível: o da ação. Por que seria natural e previsível? Ver-se-á logo adiante, mas antes tem que se perguntar o que significa *agir*. O agir pode ser definido como a passagem da ação propriamente dita pela expressão lingüística, acontecendo uma articulação que não é de observação, mas de informação do próprio agir.

Quanto à chamada articulação da experiência, é justamente nela que o docente codifica e remete aos alunos, da maneira mais apropriada possível, por meio de expressões adequadas, a comunicação com o próprio aluno. Igualmente importante é a “linguagem da ação”, justamente pelo exposto e que se aplica à realidade de sala de aula, na qual, muitas vezes, não se dispõe do exemplo real ou até da experiência que facilite essa aproximação com o aluno. Não se pode, no

entanto, falar de ação a ser adotada pelo docente sem se falar em filosofia da linguagem dentro do campo da ação, em que se vê a necessidade de se falar de outros conceitos, como intenção, motivo, agente, etc.

Deve-se considerar, também, a questão volitiva do alunado, pois, ainda segundo Ricoeur, "A correlação entre a condição 'essencial', que define e constitui a regra do jogo, e o que apareceu como a condição 'psicológica', permite retomar novamente o problema do estatuto da nossa linguagem da intenção mental expressa pelos verbos crer, desejar, ter intenção de (no sentido restrito de projeto); é esta conexão do semântico e do psicológico que nos propomos explorar agora". (RICOEUR, 1988, p. 90).

Assim, baseada no Ensino com Pesquisa, espera-se poder apresentar proposta de uma ação docente mais direcionada e construtiva. BRUNER (1984) diz que no ensino da criança reduz-se a complexidade da tarefa, cabendo ao adulto completá-la. A presente proposta é de não se reduzir a complexidade no ensino superior, mas antes mostrar como buscar solucioná-la. Propor a pesquisa como ação, como linguagem adequada para se alcançar a práxis. Não importa aqui o ato motor em si, mas sim a consciência do sujeito sobre seus atos.

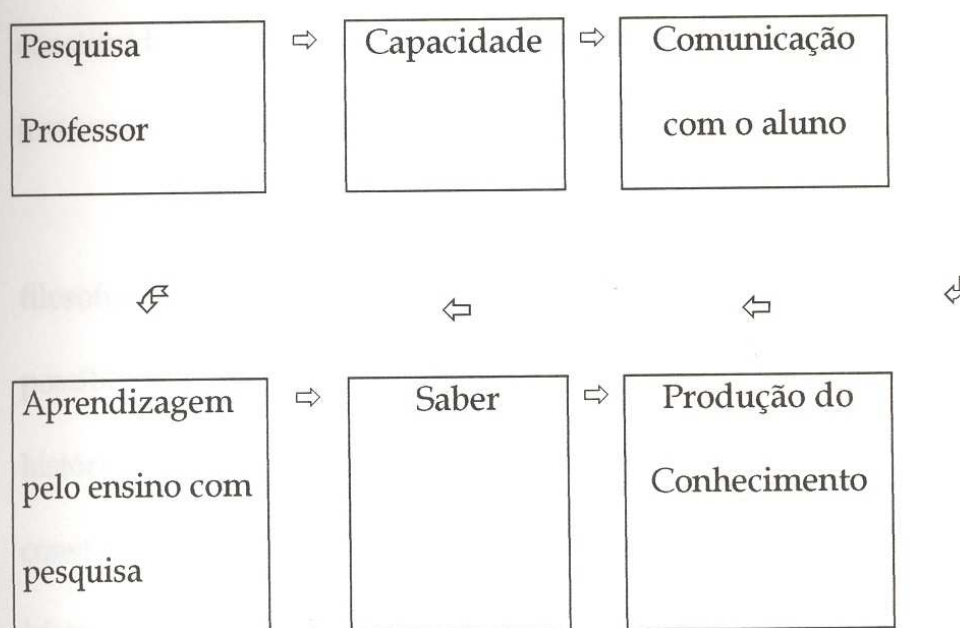
Por que considerar a importância da ação docente? Porque "la acción sobre los demás no se organiza a partir de presiones internas sino de determinantes externos mediatizados por el adulto". ("A ação sobre os demais não se organiza a partir de pressões internas mas de determinantes externos mediatizados pelo adulto" - tradução da autora). (Linaza, IN: BRUNER, 1984, p. 27).

Segundo palavras de BEHRENS (1996), o docente deve provar sua competência pela aula expositiva, motivando o aluno a buscar seu próprio conhecimento. BRUNER (1984) diz que a aprendizagem também se dá pela observação, caindo-se novamente na ação.

Neste contexto, a própria imitação pode ser benéfica: “La imitación como ‘juego serio’ – incorporar a la conducta lo que se observa, que nos es mero mimetismo, sino que está dirigido inteligentemente hacia un fin – debe depender, desde luego, de la ‘adecuación al modelo’ – y de construir la conducta de la forma que(...) nos permite distinguir y relacionar lo que es análogo en nuestra propia conducta y en la de outro miembro de la especie”. (“A imitação como ‘jogo sério’ – incorporar à conduta o que se observa, que não é mero mimetismo, senão que está dirigido inteligentemente em direção a um fim – deve depender, desde cedo, da ‘adequação ao modelo’ e de construir a conduta de forma que(...) nos permita distinguir e relacionar o que é semelhante em nossa própria conduta e na de outro membro da espécie” - tradução da autora). (BRUNER, 1984, p. 53).

Bruner, em *Acción, pensamiento e lenguaje*, fala a respeito de uma questão pouco lembrada, que é o desenvolvimento fisiológico do cérebro: o cérebro humano cresce de 335cm³ a 1.300cm³ aproximadamente, durante o desenvolvimento. Assim, pode-se pensar na seguinte hipótese: que os alunos, no início (ou no decorrer) da graduação - normalmente adolescentes - não têm maturidade suficiente. Advém daí a necessidade de utilizar uma linguagem (ação/ensino com pesquisa) mais adequada e que “comunique”.

Como decorrência do exposto, pode-se apresentar a seguinte Proposta esquemática:



Volta-se, porém, à importância de saber como tratar com a imaturidade, nesse processo de desenvolvimento, a fim de se lograr êxito na presente proposta. Na disciplina Técnicas Secretariais e Automação de Escritório, por seu caráter eminentemente técnico, é de esperar que se busque um melhor meio de agir para com os alunos e saber que procura preparar esse aluno da melhor maneira: ensinando-o a pesquisar justamente quando, aparentemente, não há como pesquisar, uma vez que há pouca bibliografia específica da disciplina, embora ela se apresente como altamente multidisciplinar.

Diz-se que o Curso de Secretariado Executivo é multidisciplinar, porque abrange diversas áreas do saber. De fato, ele engloba não só as disciplinas colocadas, segundo Pedro Demo, como pesquisa matricial, que é aquela designada por inter ou multidisciplinar, que visa a evitar a “voracidade analítica” da ciência,

criando mais e mais especializações. (DEMO, 1994; p.63). A pesquisa matricial deve partir do diálogo crítico, tendo como referencial a “propedêutica moderna”, constituída pela filosofia, linguagem e matemática, base da capacidade construtiva e instrumento para questionamentos.

Esse “trio propedêutico” daria a base para tudo, uma vez que pela filosofia tem-se a metodologia do questionamento, que é o saber pensar; a linguagem possibilita o encontro da cultura, sociedade e tecnologia, que forma o sujeito histórico, o qual se faz como tal pela linguagem; e, finalmente, a matemática, que constitui a lógica da informática e eletrônica, a linguagem do futuro. Nas palavras de Maria Helena de Castro, Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do MEC, a nova proposta de ensino do atual ensino médio será mais interessante: “O 2.º grau sempre foi caracterizado pelo excesso de disciplinas pouco atrativas e o resultado é que o aluno sai sem o – saber fazer – ou abandona o curso”. Segundo ela, o currículo deverá conter áreas básicas como códigos e linguagens e ciências humanas (O Estado de São Paulo, 3/6/98).

Considerando que, segundo Maria Helena de Castro, o 2.º grau, atualmente ensino médio, ficará mais atrativo com o trabalho do chamado Trio Propedêutico, a mesma importância poderá acontecer em cursos superiores e, em especial, no de Secretariado Executivo.

Enfim, o Curso de Secretariado Executivo engloba não apenas o chamado “trio propedêutico”, mas também disciplinas de Administração, Economia, Direito, Idiomas, Deontologia, Informática, ou seja, é multidisciplinar. Já a disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório é interdisciplinar, pois trata de

assuntos como empresa (havendo a necessidade de se buscar na Administração e na Economia subsídios para a aula); atendimento a clientes, planejamento de atividades, reuniões (não só a organização mas também sua condução), excelência profissional, recursos da informática, desde o *hardware*, *softwares*, videoconferência, além de estudos feitos no mercado, nas áreas da Psicologia, da Administração, em especial na parte relativa a recursos humanos, etc.

Outro problema que se tem, no que diz respeito ao ensino com pesquisa, é o fato de o professor se colocar à disposição para tal trabalho, desde que haja remuneração compatível e regime de dedicação exclusiva. Quando, na verdade, não se quer apenas que o professor traga resultados da sua pesquisa para a sala de aula, mas que a fomenta entre os seus alunos e isso, preferencialmente, no ensino de graduação, como prática pedagógica.

A pergunta é: como buscar essa vontade no aluno? Jerome Bruner também confere ao conceito de *intenção* um grande valor, considerando que pode vir a explicar condutas complexas, não só em nível biológico quanto psicológico.

O conceito de *motivação*, que será agora enfocado, fica muito próximo do conceito de *intenção*, mas se distinguem em virtude de não responderem à mesma pergunta: *intenção* responde à pergunta *que?*, *que faz você?* Já a *motivação* responde à questão *por quê?*, tendo uma função de explicação (aqui significando razão, esclarecimento, ajudando a melhor compreensão).

Qual a importância, então, da motivação? É ela quem legitima a informação, tornando-a uma ação inteligível. Se a proposta a ser apresentada trata do desenvolvimento do Ensino com Pesquisa por meio de uma ação-linguagem

docente mais adequada, nada mais acertado que se falar de motivar o aluno, a ponto de fazê-lo argumentar e legitimar a informação recebida, existindo aqui os chamados agentes: os quais podem ser tanto quem emite quanto quem recebe a informação, quando há comunicação. O agente tanto pode fazer quanto sofrer a ação e, como tal, está sujeito a sanções, inclusive legais ou do que se diz ser a convenção.

Retornando à ação, depois de citados os seus elementos envolvidos, deve-se falar também das condições que antecedem, que preparam a ação: o mental (ou psicológico); de um lado a intenção verbal, de outro a intenção mental. Segundo Ricoeur: "Esta correlação exprime ao mesmo tempo a ancoragem do semântico no psíquico, mas, por outro lado, a subsunção do psíquico no semântico; graças a esta condição, é possível reintroduzir o 'mental' numa análise propriamente lingüística; coordenando-a com a condição essencial, a qual deriva do exame direto da regra do jogo". (RICOEUR, 1988, p. 87).

Em HABERMAS (1988, p.55), coloca-se que a interação entre dois sujeitos com capacidade para a linguagem e ação (meios verbais ou extraverbais) estabelecem uma relação interpessoal. Habermas é contrário ao paradigma que supõe dois mundos (objetivo e social). Ele não se ajusta à ação comunicativa que prevê relações entre os mundos objetivo, social e subjetivo, não mais se polarizando entre sujeito e objeto, mas articulado entre sujeito e sujeito.

Assim, Habermas vê-se levado a propor o paradigma assentado na linguagem, na comunicação e na intersubjetividade, em virtude da crise do paradigma da consciência. "O conceito de ação comunicativa pressupõe a linguagem como um meio, no interior do qual tem lugar um tipo de processo de entendimento

em cujo transcurso os participantes, com pretensões de validade que podem ser reconhecidas ou questionadas". (HABERMAS, 1988, p. 57). O mais importante da ação comunicativa é o fato de somente acontecer entre dois sujeitos por meio da linguagem e da ação, quando se entendem entre si sobre alguma coisa.

A definição e estruturação de uma prática pedagógica que alie o ensino à pesquisa, tendo a linguagem como mediadora, propicia uma constante postura reflexiva por parte do aluno. Com esta prática, o aluno vai estar preparando-se e melhorando continuamente, não só como estudante, mas também como profissional, capaz de enquadrar-se no atual mercado de trabalho e na era futura que já está sendo intitulada de Era do Capital Humano. Já acontece e no futuro irá intensificar-se a noção de que o saber será o capital de que o profissional mais necessitará para enfrentar as relações do trabalho.

Porém, antes de se passar a uma proposta metodológica do ensino com pesquisa baseada em estudo de caso, é necessário conceituar Ensino com Pesquisa e como esta concepção paradigmática atuou no presente trabalho.

1.1. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENSINO COM PESQUISA

O ensino com pesquisa caracteriza-se por promover uma aproximação entre o saber conhecido e o pesquisador, seja ele aluno ou docente, de maneira a ajudar na interação crítico-reflexiva desse agente. Sabe-se que a escola deveria garantir um ensino que servisse aos interesses populares da maneira anteriormente descrita. No entanto, o que se tem dentro do próprio contexto universitário, é a

existência de um estudo sincrético. O aluno tem muitas informações, aparentemente fragmentadas e desconexas entre si, sem sentido aparente da maneira como ele as recebe. Daí a importância da atitude docente em promover o ensino com pesquisa de modo a auxiliá-lo na organização e síntese desse saber. Segundo DEMO (1996), a proposta de educar pela pesquisa tem pelo menos quatro pressupostos primordiais: 1) a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica; 2) o reconhecimento de que o questionamento reconstutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa; 3) a necessidade de fazer pesquisa como atitude cotidiana do professor e do aluno; e 4) a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana.

1.1.1. O Professor no Ensino com Pesquisa.

O professor deverá trazer assuntos que sirvam como instrumento para dar condições ao aluno de trabalhar essa informação e constituí-la em conhecimento socializável. De acordo com LIBÂNEO (1986, p.39), "Não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados; é preciso que se liguem, de forma indissociável, à sua significação humana e social." O professor ao trabalhar com determinado conteúdo irá fazê-lo de forma objetiva, naturalmente, dentro da proposta do programa estabelecido. Porém, ao fazer a escolha do material a ser trazido para seus alunos irá cuidar para que propiciem um aprofundamento dialógico e que sirva como base para que esse aluno produza seu próprio saber. Será mais uma forma de clarificar para o aluno que, aquilo que se vê na escola, é passível

de atuação em sua vivência e, assim sendo, passível de mudança e de interferência em sua realidade social, humana ou profissional. Assim se manifesta esse autor:

"Ainda que a curto prazo se espere do professor maior conhecimento dos conteúdos de sua matéria e o domínio de formas de transmissão, a fim de garantir maior competência técnica, sua contribuição 'será tanto mais eficaz quanto mais seja capaz de compreender os vínculos de sua prática com a prática social global". (LIBÂNEO, p. 43, 1986).

O professor será o mediador entre o saber conhecido e passível de alteração e o aluno, motivando-os a buscarem o conhecimento necessário para si mesmos, ensinando-os a se expressarem de maneira fundamentada. Esse envolvimento deverá ser muito bem dirigido e buscando o máximo possível direcioná-lo para a realidade do aluno, inovando no modo de teorização, cuidando para não apenas "transferir conhecimento". Segundo LIBÂNEO, (1986) é preciso haver uma compreensão mútua (professor-aluno) do que se diz ou se faz.

A busca, necessidade de reinventar, reprocurar, constitui-se na principal atividade do professor dentro do paradigma do ensino com pesquisa. Enfim, esse agente, o professor, será aquele que irá conduzir os seus alunos, agora parceiros de trabalho, a um processo de ensino-aprendizagem. O professor também irá aprender com os alunos, exercendo sua autoridade pela competência, sendo mais líder e articulador do que aquela figura de repassador de conteúdos.

1.1.2. O Aluno no Ensino com Pesquisa.

O aluno, por sua vez, será participante do processo de conhecimento sistematizado, uma vez que será atuante no direcionamento do seu saber, utilizando-o para transformação da realidade. Aprenderá a colocar sua própria experiência como meio de informação, para posterior reconstrução do conhecimento, tornando-se inquiridor querendo saber mais e melhor.

1.1.3. A Metodologia do Ensino com Pesquisa

A metodologia será baseada na conscientização do aluno da necessidade de buscar continuamente o seu conhecimento; que esse processo não acaba e não é restrito à escola, mas antes, que o Ensino com pesquisa apenas irá apontar-lhe caminhos para fazê-lo desse ou daquele modo. O aluno será encorajado a indagar, ser autônomo e repensar as informações recebidas, deixando de lado uma certa ingenuidade anterior, que levava a acreditar em tudo aquilo que chegava como verdade pronta e acabada.

O processo será desenvolvido em grupos ou individualmente, porém sempre buscando uma relação dialógica, privilegiando os conhecimentos que vierem a interferir diretamente na realidade social e humana desse aluno, os quais deverão desenvolvê-los de maneira crítica. Os alunos deverão identificar facilmente a aplicação direta do saber trabalhado em seus interesses, favorecendo a aproximação

teoria e prática (ação-reflexão-ação). O aprendizado será conduzido não só por meio dos instrumentos tradicionais, mas serão valorizadas outras fontes de conhecimento. É importante ter consciência de que aquilo que agora se “sabe” pode em seguida mudar.

1.1.4. A Avaliação no Ensino com Pesquisa.

A avaliação virá como instrumento no processo de ensino antes de ser uma avaliação formal propriamente dita: será mais um momento em que o aluno poderá aproveitar para rever conceitos, amadurecê-los e sintetizá-los de forma proveitosa para o seu encaminhamento pessoal. A avaliação poderá ser feita tanto individual quanto coletivamente, propiciando a socialização do saber, a auto-avaliação.

METODOLOGIA APLICADA NAS AULAS DE TÉCNICAS DE SECRETARIADO E AUTOMAÇÃO DE ESCRITÓRIO

1.º Bimestre

Inicialmente, foi feita a apresentação da nova proposta metodológica aos alunos, o Ensino com Pesquisa, em que o professor fornece o conteúdo inicial, indica alguns textos, aos quais os alunos deverão completar com as suas próprias

leituras. Em seguida, foram discutidas algumas propostas. A seguir, apresentam-se uma proposta que ficou estabelecida entre a docente e os participantes do processo.

1.^a Encontro- Exposição do tema “Empresa” pelo professor.

2.^o Encontro- Entrega de textos pré-selecionados referentes ao assunto, como, por exemplo:

- **O modelo emergente** – texto que aborda, na verdade, estratégias que virão a melhorar um serviço de vendas a varejo, enfocando a necessidade de se buscar um serviço diferenciado não só no preço, mas também na forma de prestá-lo. Considerando que o Secretário Executivo estará inserido nos mais variados contextos, busca-se, ao recomendar a leitura desse artigo, fazer com que o aluno de Secretariado desenvolva sua capacidade de análise e de busca de conhecimentos já estabelecidos que lhe sirvam como subsídio para assessorar um alto cargo em uma empresa ou mesmo, talvez, micro e pequenas empresas ou o seu próprio negócio. (IN: HSM Management, 13, março-abril 1999, p. 58-64)

3.^a Encontro - A partir desses conhecimentos enfocados por parte do docente e pelos artigos propostos, pede-se aos alunos que discutam o tema e busquem fazer uma análise sobre tudo o que foi lido e falado, a fim de amadurecerem suas próprias idéias e, principalmente, fazerem a ligação entre o que viram e sua importância para a profissão deles.

O docente faz a proposição de elaboração coletiva de um texto sobre a temática proposta.

4.^a Encontro- Entrega de texto coletivo, oriundo da discussão do grupo sobre o tema.

5.^a Encontro- Exposição do tema “Imagem da Empresa” pelo professor.

6.^o Encontro- Entrega de textos pré-selecionados referentes ao assunto, como, por exemplo::

“Como lidar com a imprensa numa crise – aqui fala-se sobre determinadas atitudes que deverão ser adotadas quando a empresa

tiver sido acometida por alguma crise. Sabe-se que o profissional de Secretariado Executivo, cujo perfil será o de assessorar o Presidente ou Diretor, poderá ser chamado a assumir o papel de Relações Públicas dessa empresa e, a partir daí, desempenhar o seu papel da melhor maneira possível, contribuindo para a imagem da empresa. (KEMPNER, IN: HSM Management, março-abril, 1997, pp. 112-116).

O professor faz proposição de elaboração coletiva de texto sobre a temática proposta.

7.^a Encontro- Novamente os alunos são colocados em grupos, cujos componentes deverão trabalhar todas as informações recebidas, trazer outras e, após discussão, registrarem o consenso do grupo sobre o tema em formato de texto coletivo.

8.^a Encontro- Exposição do tema "Espaço Funcional" pelo professor.

9.^o Encontro- Entrega de textos pré-selecionados referentes ao assunto, como, por exemplo:

- "O funil estreitou" - Traz informações com relação às mudanças que estão acontecendo no mercado de trabalho e quais são as novas tendências na formação dos profissionais, inclusive na formação do Bacharel em Secretariado. Comenta-se sobre o conceito de empregabilidade, direcionamento que deverão ser tomados para se chegar próximo ao conceito de excelência. (IN: Veja, 4/12/96, p;116-122).

O professor faz proposição de elaboração coletiva de um texto sobre a temática proposta.

10.^o Encontro- Após o trabalho de discussão em grupo, os componentes deverão trabalhar todas as informações recebidas, complementá-las e elaborar o texto coletivo.

11.^o Encontro- Exposição do tema "Requisitos Laborais e Humanos" pelo professor.

12.^o Encontro- Entrega de textos pré-selecionados referentes ao assunto, como, por exemplo:

- "Corra" - Apresenta informações pertinentes ao mercado de trabalho e as novas qualidades que deverão ser assimiladas pelo profissional em geral. Este artigo ressalta que todos os profissionais, independente da área em que estejam atuando, poderão desenvolver e aumentar suas habilidades. Aponta para

novas atitudes que deverão ser tomadas e, principalmente, ensina os caminhos que esse profissional deverá tomar para fazer o seu marketing pessoal. Este tema está diretamente relacionado ao tema anterior, o que dará subsídios para que o aluno desenvolva um quadro comparativo e comece a desenvolver um raciocínio globalizante. (IN: Exame, 27/8/97, p. 109-114).

O professor faz proposição de elaboração coletiva de um texto sobre a temática proposta.

13.º Encontro- Encontro para discussão do grupo e composição de texto.

Os demais encontros foram reservados para que os alunos tivessem atividades e leituras complementares, muitas vezes sugeridas pelos próprios alunos.

O processo culmina com avaliação composta de 2 questões, uma teórica e outra dissertativa, em que o aluno não só discorreria sobre os temas abordados, mas também exporia sua própria opinião a respeito do assunto.

CAPÍTULO III

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente trabalho não se caracteriza como uma proposta fechada. Nasceu da experiência profissional da autora, que, egressa de um ensino tecnicista, sentiu necessidade de mudar a sua prática. A busca de determinadas respostas para a sua atuação como docente levaram a autora a realizar esta pesquisa e, como resultado, propor uma nova prática pedagógica para o Curso de Secretariado Executivo da PUCPR.

Antes de apresentar a proposta de trabalho, é importante conceituar alguns termos, para delimitar melhor a sua dimensão e suas características. Inicialmente, será enfocada a palavra **pesquisa**. O seu significado literal é: "Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento". (IN: Novo Dicionário Aurélio, 1986, p. 1320).

Quando se fala em pesquisa dentro das chamadas "Ciências Humanas", deve-se considerar que não se pode fazer pesquisa, ou seja, estudar um problema, de forma analítica, esquematizada, como é feito nas ciências físicas e naturais. De acordo com ANDRÉ e LÜDKE (1986): "Claro que se pode tentar um esforço no sentido de um estudo analítico, como se faz na chamada pesquisa

experimental, mas é importante lembrar que, ao fazê-lo, está-se correndo o risco de submeter a complexa realidade do fenômeno educacional a um esquema simplificador de análise. Isso pode inclusive acarretar o sacrifício do conhecimento dessa realidade em favor da aplicação acurada do esquema" (p. 3)

Sabe-se que a pesquisa deverá resultar de um processo sistemático, investigação rigorosa e crítica, porém não se deve tê-la como exclusividade de um determinado grupo. Assim, é que se propõe estendê-la também aos docentes e discentes do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR, a fim de que, por meio dela, aprendam na Universidade a metodologia para sua formação continuada e progressiva, visando ao atendimento das exigências laborais e humanas.

É nessa linha que se vem propor o Ensino com Pesquisa como a metodologia para esse professor e aluno buscarem a contínua formação e criticidade na aquisição do saber. O Ensino com Pesquisa caracteriza-se como a utilização da pesquisa como investigação, questionamento e dúvida, propiciando a oportunidade de esse aluno satisfazer as suas curiosidades e ampliá-las. Uma das principais vantagens do ensino com pesquisa vem a ser justamente a desmitificação da idéia de pesquisa para poucos. Passa a ser uma necessidade como forma de alunos e professores se atualizarem continuamente e terem uma visão mais abrangente da realidade que os cerca, deixando de lado a simples síntese do ensino tradicional.

Na verdade, o ensino com pesquisa foi uma tentativa já iniciada nos anos 40 e aperfeiçoada nos anos 50, quando se viu a necessidade de que o ensino se voltasse para os problemas econômicos e sociais do país. No entanto, com a Revolução de 1964 e, mais precisamente, em 1968, o governo decidiu que a educação

deveria voltar-se para aspectos que propiciassem o desenvolvimento econômico sob o enfoque do chamado "Capital Humano", passando a educação a adquirir um enfoque tecnicista (PAOLI, 1988).

Ainda segundo Paoli, pelo ensino com pesquisa buscava-se, além de se trabalhar com os conteúdos da disciplina em si, "também 'disseminar' atitudes científicas, ou seja 'predisposições' para conhecer de forma inteligente e não apenas repetitiva e reprodutiva". Transcreveu-se, a seguir, os três aspectos levantados por Paoli. Segundo esse Autor:

- a) Propunha-se a assumir que o conteúdo das disciplinas não era algo acabado e verdadeiro, mas provisório, relativo, datado no tempo e no espaço, produto de um trabalho de investigação, e que a realização de novas investigações poderiam modificar, ampliar, rever, transformar as explicações sobre o mundo físico e social.
- b) Propunham-se a assumir a procura da criatividade.
- c) Propunham-se a passar de uma situação onde predominava a síntese, para uma situação onde pudesse ocorrer um equilíbrio entre síntese e análise. (IN: PAOLI, 1988, p. 31).

O primeiro aspecto exposto caracteriza a orientação do presente trabalho. Na disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, espera-se que o aluno receba os mais variados assuntos e passe, a partir dali, a desenvolver, ampliar e modificar o saber visto. No segundo aspecto, Paoli coloca a criatividade como nova condição para realização do ensino com pesquisa.

De acordo com ele, a criatividade não deve, aqui, ser confundida com *arte* ou *liberdade de imaginação*. Criatividade aqui significa *conceber o estudo como uma situação construtiva e significativa*, ou seja, trabalhar de maneira inovadora e diferenciada o conteúdo programático e a concepção de disciplina, abordando o

conteúdo a partir de “temas, questões e problemas”. É essa a intenção da presente proposta de metodologia: ter a disciplina de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, não como um fim em si mesma, mas como o espaço de descoberta de um novo caminho, para que esse aluno possa resolver situações e problemas também fora do meio acadêmico.

Quanto à predominância da síntese, no terceiro aspecto, o aluno continuava recaindo na situação de ter que decorar e reproduzir o saber. Inserida a análise, o aluno vê-se obrigado a abstrair, estabelecer relações, decompor, buscar entender a problemática, corroborar, discordar, enfim, externar opiniões que fogem à mera repetição do conteúdo. Esta é a idéia da metodologia proposta para a Disciplina de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, no Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR.

A metodologia será aplicada em um determinado curso, como já se afirmou e, portanto, a proposta do Ensino com Pesquisa no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR consiste em uma abordagem qualitativa, que pode ser caracterizada como Estudo de Caso. De acordo com ANDRÉ e LÜDKE, entende-se por Estudo de Caso um trabalho construído ao longo do processo de estudo, ou seja, uma pesquisa que não pode ser conduzida dentro dos padrões rígidos da concepção positivista:

“O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O Caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.(...)”. (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p.)

O Estudo de Caso se configura a partir de uma proposta metodológica como docente do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR e contempla uma prática pedagógica do Ensino com Pesquisa. Assim, esta pesquisa buscará fazer um levantamento de situações ainda desconhecidas para os motivos de ausência de pesquisa no Curso de Secretariado Executivo, como também buscará descobrir novos pontos que contribuam para o direcionamento deste trabalho. Isto se justifica pelo fato de não se ter clareza de como se dá essa ausência de preocupação com o ensino baseado em pesquisa. A causa pode ser, como hipótese, a falta de tradição de pesquisa na formação básica de professores e alunos.

Para melhor interpretar esta situação, faz-se necessária uma contextualização do ambiente em que isto acontece, para se poder ter uma melhor compreensão do fato, saber quais são as variáveis naquele grupo e, principalmente, compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações (ANDRÉ, 1995, p. 17). Assim, o estudo será realizado junto ao corpo docente do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR e de outras Instituições que ofertam o Curso e também com os alunos de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano do Curso na PUCPR.

O objetivo maior, neste estudo de caso, é retratar a atualidade no Curso da PUCPR, com o conhecimento das relações professor-aluno e professor/ensino com pesquisa, bem como a própria postura e receptividade do aluno para essa prática. Como não foi possível fazer um trabalho de observação junto a cada turma e com os professores da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, optou-se pela aplicação de questionários junto a esses grupos como forma de coleta

de dados. Deve-se ressaltar que o trabalho buscou o diálogo com os alunos, a fim de promover uma melhor aceitação do Ensino com Pesquisa, e buscou, também, validar, por meio dos questionários, a hipótese da presença de fatores, tais como intenção e motivação, que foram fortemente trabalhados como forma de desencadear o processo ensino-aprendizagem.

É importante deixar claro que a presente proposta de prática pedagógica se restringe ao Curso de Secretariado Executivo da PUCPR, não pretendendo defendê-la para outros contextos e realidades. Porém, servirá como modelo para futuros pesquisadores, os quais terão, a partir do exposto, suas próprias conclusões sobre a validade da proposta. Assim, poderão adaptá-las às suas respectivas realidades.

Segundo André e Lüdke, Nisbet e Watt, em obra de 1978, pode-se caracterizar o estudo de caso em três fases: "uma primeira aberta ou exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta dos dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório". (ANDRÉ, LÜDKE, 1986, p. 21).

Neste trabalho houve a primeira fase, chamada exploratória, quando da reunião para a seleção de referenciais teóricos que dessem subsídios à proposta e que apontassem o caminho a ser percorrido. Nesta etapa, chegou-se à proposição de se trabalhar com a motivação e intenção como aliados para o desenvolvimento de uma prática de ensino com pesquisa. Na segunda etapa, a de sistematização e coleta de dados, partiu-se para a aplicação de questionários junto aos professores da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório da PUCPR e de IES

brasileiras que ofertam o curso e junto a alunos do 1.º ao 4.º ano, somente na PUCPR. A terceira etapa consistiu na análise e interpretação sistemática dos dados, culminando com os capítulos terceiro e quarto deste trabalho.

De acordo com DEMO (1994), “a construção científica precisa de democracia para promover o questionamento desimpedido”. Assim, buscar-se-á saber algo sobre o aluno do Curso Superior de Secretariado Executivo, por meio de uma pesquisa participante. Para tanto, optou-se por utilizar um questionário que envolvesse os discentes neste processo.

Segundo levantamento feito por CUNHA (1989), o bom professor universitário ainda é aquele que reproduz o conhecimento e que domina habilidades de ensino, tais como variar as perguntas, possuir qualidades humanas, como a afetividade para com o aluno. Porém, a grande dificuldade reside no fato de esse professor fazer com que o aluno trace o seu próprio plano de trabalho e de estudos.

Assim, parte importante da presente proposta de prática pedagógica é processo de aprendizagem contínua e cumulativa, partindo de base teórica para o conhecimento. A turma escolhida foi o 1.º ano do Curso de Secretariado Executivo. Os alunos responderam ao questionário e participaram do processo aqui descrito. Para melhor elucidar, a proposta foi dividida em três momentos, assim constituídos:

1.º Momento

Após enfocados conceitos teóricos básicos de tópico do conteúdo programático e desenvolvidas tarefas importantes para o amadurecimento do tema em sala de aula com respectiva socialização desse conhecimento, os alunos

entregavam pequenos trabalhos semanais já com suas opiniões e idéias sobre o tema, os quais foram chamados textos.

A partir daqui, partiu-se para a primeira avaliação, com duas questões: na primeira, o aluno deveria justificar ou demonstrar seu conhecimento teórico, necessidade para a avaliação e, na segunda, constituída de questão aberta, dissertativa, o aluno deveria fazer uma ligação entre todos os temas estudados: Legislação da Profissão, Eras Empresariais, Imagem da Empresa e Espaço Funcional.

No acompanhamento do trabalho, percebeu-se que, muitas vezes, os alunos haviam entendido a proposta, porém, por alguma razão, não desenvolveram o texto. Foi gratificante, porém, o fato de que o aluno não memorizou teorias para o exame, mas teve oportunidade para expor o que já conhecia e relacionar o seu conhecimento com outras áreas do saber.

O interesse era latente em algumas avaliações, mas o aluno geralmente se manteve preso e não conseguiu escrever, pela falta de tradição e de experiência nesta nova forma de estudar e de aprender.

2.º Momento

Na segunda avaliação, nestes mesmos moldes, houve uma questão voltada ao embasamento teórico e uma segunda questão dissertativa, em que o aluno era chamado a fazer uma inter-relação entre os temas tratados e ligá-los com a área de estudo, no caso Secretariado Executivo.

As dificuldades percebidas foram as mesmas da primeira avaliação, porém bem menores. Os alunos tiveram um real crescimento de acordo com os critérios de avaliação. Foram consideradas, na questão dissertativa, a lógica e a seqüência do raciocínio do aluno, e como ele trabalhou com os temas e sua realidade. Alguns, inclusive, enriqueceram o conteúdo tratado, com sua própria experiência.

3.º Momento

No terceiro bimestre, foi proposta uma avaliação apenas com questão dissertativa, porém com assuntos estudados desde o primeiro bimestre. Com isto, objetivou-se buscar a visão do todo pelos alunos e da pertinência dos temas tratados em relação à sua realidade. O propósito deste processo teve como principal objetivo constatar se, efetivamente, o aluno aproveitava a teoria que foi discutida em sala de aula e se a usava para produção do seu próprio saber na hora em que retomava o seu próprio conhecimento sobre aquele assunto e o aprofundava por meio de leituras e discussões.

Foi extremamente gratificante, ao corrigi-la, observar que os alunos melhoraram ainda mais em relação aos dois bimestres anteriores. Nesta ocasião, perguntados com relação ao grau de dificuldade de articularem os conteúdos em comparação com a do primeiro bimestre, responderam que sabiam que haviam se saído muito melhor, o que realmente se refletiu nas notas atribuídas.

GRÁFICO I

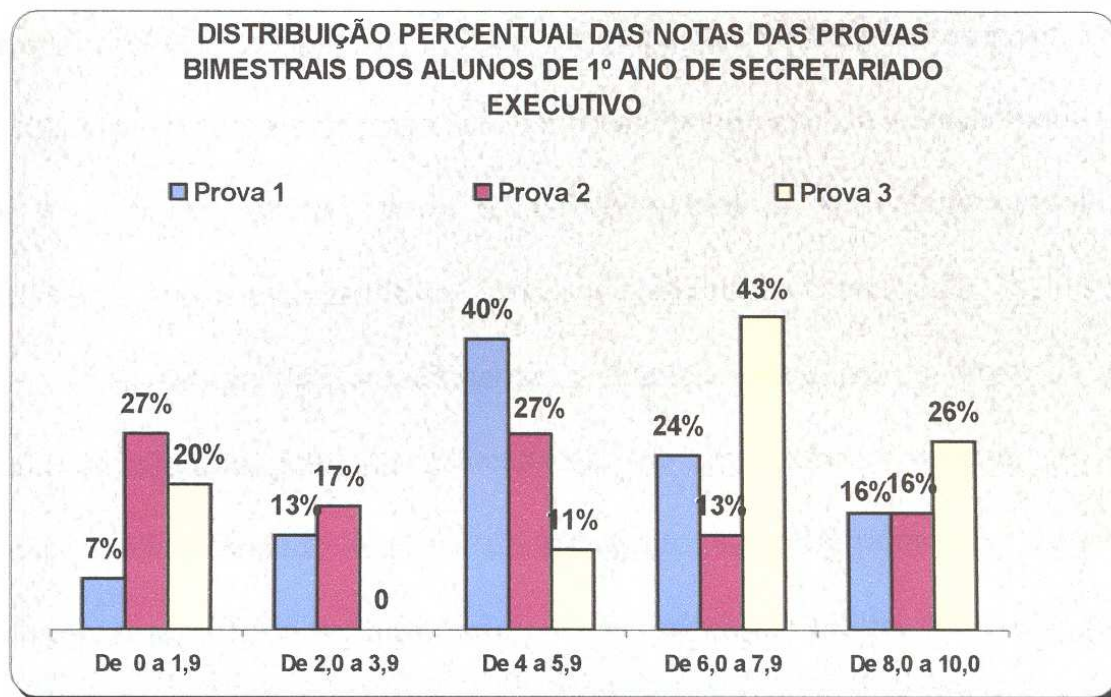
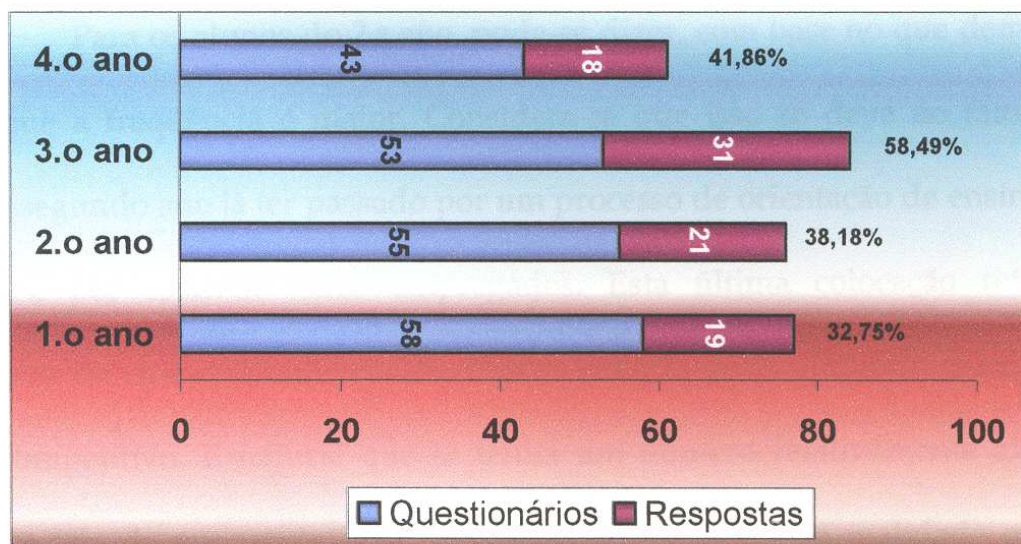
ANÁLISE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS
ALUNOS DO 1.º ANO

GRÁFICO II

ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DISCENTE



- Quanto à prática de pesquisa.

Com relação ao aluno do 1.º ano, vê-se no gráfico seguinte que existe quase que uma hegemonia entre o fazer pesquisa *rara* ou *frequentemente*. Pode-se dizer que este grupo é composto de significativo número de adolescentes recém-saídos do 2.º grau, outros, ainda adolescentes mas já com alguma experiência profissional, e outros mais maduros, inclusive com família constituída.

É sabido que, infelizmente, a chamada pesquisa em nível de ensino médio, para o aluno, limita-se à localização de livro sobre o assunto em pauta, identificação do conteúdo e cópia do parágrafo ou parágrafos para entrega do trabalho, sem ao menos ser solicitado a fazer referência bibliográfica, ou pior, ser chamado a emitir parecer próprio pela sua reflexão sobre assunto, referendado pela sua pesquisa.

Considerando que este alunado, pelo exposto, é um grupo remanescente do sistema tecnicista de ensino, considerou-se razoável o resultado do equilíbrio entre as duas situações.

Para os alunos do 2.º ano, pode-se dizer, com base no que demonstra o gráfico, que a frequência é maior. Considera-se que isso se deve ao fato de esta turma de segundo ano já ter passado por um processo de orientação de ensino para a pesquisa e por estarem todos empregados. Esta última colocação refere-se à necessidade de que o aluno tem de buscar sempre mais conhecimentos para se manter competitivo. É natural que se tenha um número relativamente expressivo quando se fala de *raramente* fazer pesquisa; sabe-se que esta realidade perdurará

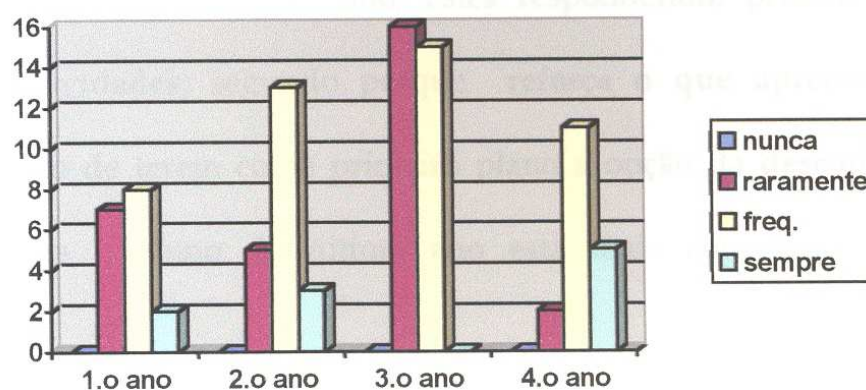
ainda por um bom tempo. Outro ponto motivador é o índice para aqueles que dizem **sempre** fazer pesquisa. Embora tímido, verifica-se que o trabalho desenvolvido durante o primeiro ano mostra modestos mas promissores resultados.

Os alunos de 3.º ano têm pouca margem de diferença entre aqueles que **raramente** fazem pesquisa e os que a fazem **freqüentemente**. Levando-se em consideração que, com este grupo, não foi feito nenhum trabalho de incentivo ao Ensino com Pesquisa da maneira proposta nesta dissertação, uma vez que a autora não trabalhava com a disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, considera-se satisfatório o resultado obtido.

Aproveitando o exposto, no 4.º ano, tem-se uma visível diminuição, considerada a população pesquisada, daqueles que **freqüentemente** fazem pesquisa, embora o número daqueles que a fazem **sempre** seja significativamente maior. Novamente, aqui, acredita-se que seja pela necessidade de se manter competitivo, por meio do conhecimento, no mercado de trabalho.

GRÁFICO III

ÍNDICE DE FREQUÊNCIA DE PESQUISA



necessidade

Ao serem indagados sobre por que fazem pesquisa, a maioria dos alunos do 1.º ano respondeu que a fazem por aprenderem mais. Depois, com significativa relevância, está o grupo daqueles que a fazem por proporcionar a descoberta. Finalmente, viriam aqueles que a fazem como reforço daquilo que aprenderam (tendo como incentivo, provavelmente, uma melhor nota) e, só então, os que a fazem por ser um caminho criador.

de se

Ora, se este aluno vem com a herança do ensino tecnicista, é de se supor que não acredite que, a partir de uma pesquisa, passe a construir o próprio conhecimento, como bem demonstra o gráfico seguinte (n.º IV).

Os alunos do 2.º ano responderam, primeiramente, por acharem que assim **aprendem mais**; segundo, por **descobrirem novidades**; terceiro, por **reforçarem** os conteúdos já vistos. Apenas em quarto lugar, aparece a informação de que faziam pesquisa pelo fato de poder criar novas coisas. Apesar deste resultado, identifica-se aí um bom resultado no primeiro item, quando se referem à pesquisa como meio de aprender mais.

Os alunos do 3.º ano responderam, em ordem decrescente, que a fazem por que **aprendem mais**, depois pelo fato de **descobrirem novidades** e **reforçarem** os estudos e, apenas em último plano, pelo fato de se **criar coisas novas**.

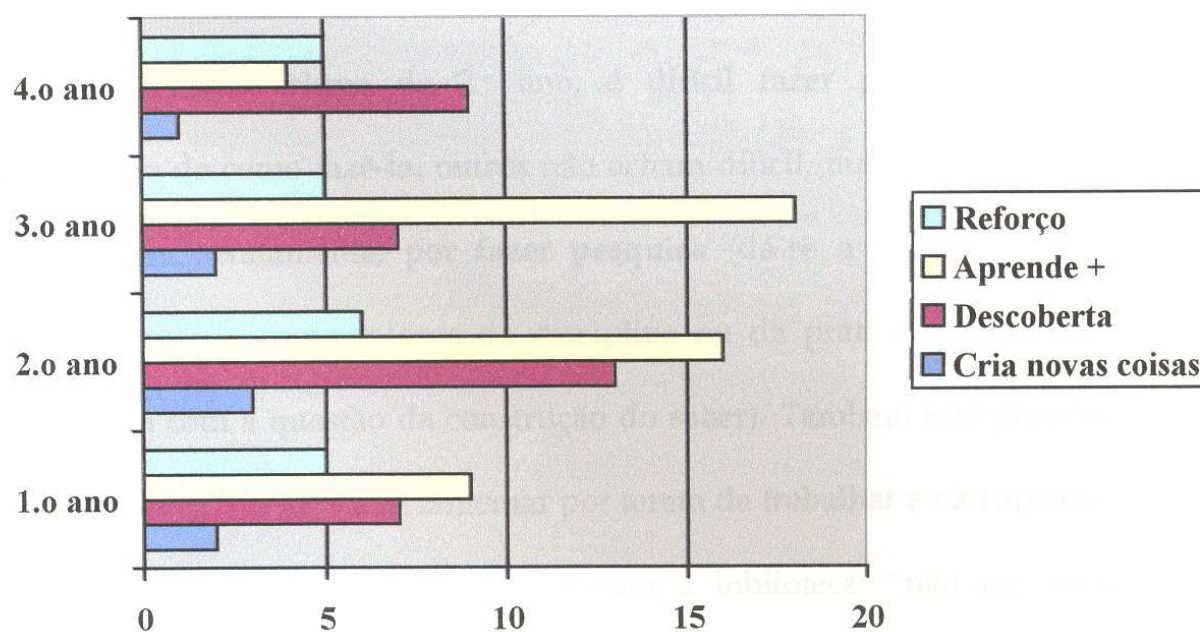
Quanto aos alunos do 4.º ano, estes responderam, primeiramente, porque **descobrem novidades**; segundo porque **reforça o que aprenderam e aprendem mais**. O fato de terem como primeiro plano a opção da **descoberta de novidades** sugere que o aluno de último ano está mais consciente da sua

necessidade em buscar, por meio dessas “novidades”, conhecimentos complementares para o seu desempenho profissional. No entanto, também têm a pesquisa como mero reforço da disciplina, a exemplo dos alunos de anos anteriores.

Analizando-se o quadro de uma maneira geral, nota-se que o **aprender mais** é o que tem estimulado os alunos a fazerem pesquisa; porém, não existe articulação entre esse **aprender mais** e o **criar**. Há uma visível separação entre o fato de se **aprender mais** e, a partir daí, **criar** o seu próprio conhecimento, fato compreensível, se se trouxer à lembrança aquilo que a palavra **pesquisa** representa para o aluno egresso do sistema tecnicista de ensino: a transcrição de textos de livros.

GRÁFICO IV

MOTIVOS PARA PESQUISA NO CURSO



Ao serem indagados sobre a dificuldade de fazerem pesquisa, muitos alunos manifestaram vontade de fazê-la, no entanto alegaram ser a falta de tempo, de forma incisiva, o fator de maior dificuldade. A idéia de ter a pesquisa apenas como reforço também está presente. É importante salientar a importância da pesquisa para alguns como meio de atualização, inclusive profissional. Isto denota uma postura mais amadurecida com relação à prática. O fator motivação ("quando o assunto me interessa") também está presente, situação em que o aluno diz que isso faz com que ele "vá atrás do assunto". Há também aqueles que, cientes das dificuldades herdadas pelo sistema tradicional, reconhecem-se como "vítimas".

Apenas dois alunos se manifestaram sobre o fato de a pesquisa não ser difícil e contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento de novas idéias (construção do saber).

Para o aluno de 2.º ano, é difícil fazer pesquisa pela falta de conhecimento de como fazê-la; outros não acham difícil, mas não se tem certeza do que entendem, exatamente, por fazer pesquisa (dá-se a impressão de que seja novamente apenas como reforço da disciplina ou da prática profissional, sem se preocuparem com a questão da construção do saber). Também está presente o fator tempo. Os alunos chegam a se lamentar por terem de trabalhar e não apenas estudar. Sugerem que os professores os levem para a biblioteca: "não me resta tempo suficiente para que seja feita uma pesquisa "bem feita". Naturalmente que não se pretende que o aluno faça uma pesquisa "mal feita", mas sim que se perceba a

necessidade de buscar, em meios pouco tradicionais, informações que sirvam como subsídio de “pesquisa”, que o aluno aprenda a aprender. Uma frase que denota bastante bem o equívoco que se formou na cabeça desse alunado é a que segue: “às vezes acontece de precisar procurar mais conteúdos para poder completar um só assunto. Raramente acontece, de somente um livro ter todo o conteúdo que precisamos”. Outros sabem que a pesquisa deve ser incentivada e que, infelizmente, não é difundida tanto quanto deveria (o mais curioso é que se tem a nítida impressão de que fazer pesquisa, para eles, é algo muito distante da sua realidade e impossível - é para cientistas); outros preferem, claramente, o ensino tradicional com “resumos”, pois pesquisar pode ser “cansativo e oneroso” e nem sempre há material disponível. Por outro lado, há aqueles que realmente se preocupam em pesquisar e têm a pesquisa não só como acadêmica, mas também como social e diária.

Para o aluno de 3.º ano, a dificuldade é a falta de tempo, disponibilidade de material, incentivo, por não saber fazer, falta de hábito, falta de recursos, acha que precisa dominar “técnicas de pesquisa”, falta de motivação no curso, não sabe por onde começar, falta de material na área secretarial.

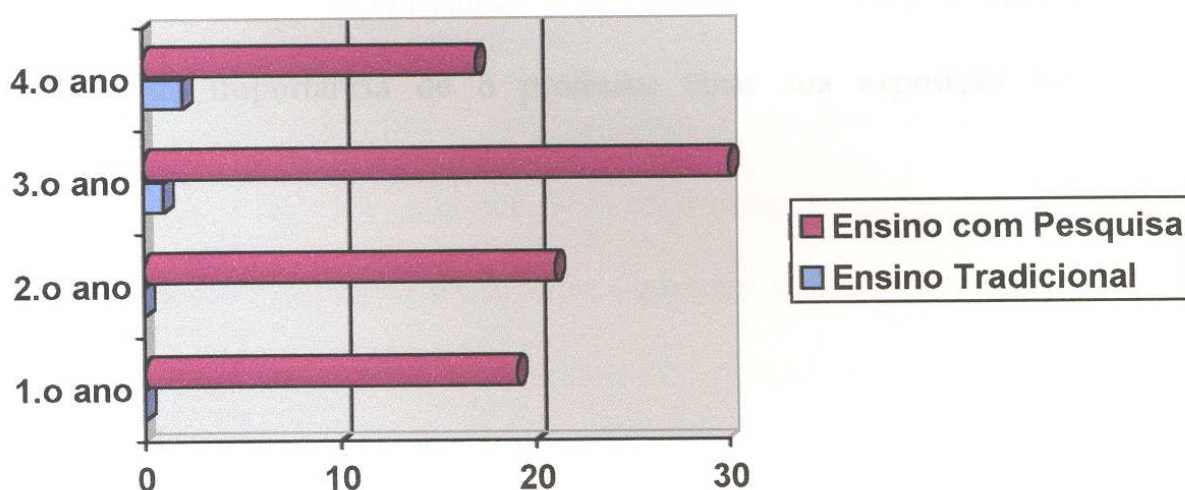
Já para o aluno de 4.º ano, a falta de tempo está presente, além de não achar material disponível. Há também aqueles alunos que acham difícil procurar e não sabem como fazê-la; consideram o sistema de consulta lento; “Porque estamos acostumados a obter informações via Internet, por isso a necessidade diminui devido a facilidade e a rapidez que as adquirimos”. Duas lamentáveis e claras constatações: o aluno realmente não sabe como fazer pesquisa e o que é pesquisar (não considera o mais moderno recurso de consulta, Internet, como meio de pesquisa).

Segundo o questionário, o método de estudos mais produtivo para os alunos de 1.º ano foi o **Ensino com Pesquisa**. Isto denota a necessidade de se trabalhar diferenciadamente com esse aluno que demonstra saber que precisa e quer “saber mais”. Os alunos do 2.º ano, apesar de algumas ponderações já feitas, foram unânimes em apontar o **Ensino com Pesquisa** como a forma mais produtiva. Da mesma forma, aconteceu com os alunos de 3.º ano, os quais responderam, na sua grande maioria, que o **Ensino com Pesquisa** é o meio mais produtivo.

Esses depoimentos, curiosamente, contradizem a prática e podem ser considerados como uma exceção.

Quanto aos alunos de 4.º ano, estes responderam que, além da dificuldade e desconhecimento do método, afirmam ser o **ensino com pesquisa** provavelmente o meio mais produtivo de estudo.

GRÁFICO V
MEIO MAIS PRODUTIVO DE ESTUDO



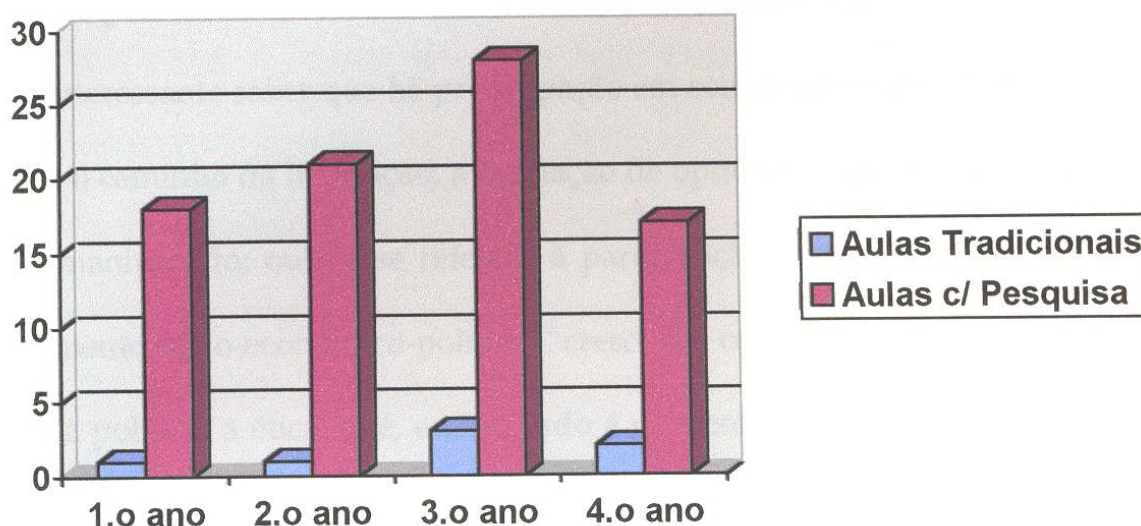
Quanto ao perfil do professor ideal, os alunos de 1.º ano foram unânimes em responder que o professor deve orientar para a pesquisa. Porém, houve um aluno que se colocou a favor do ensino tradicional por, segundo ele, promover a criticidade. Sabe-se, contudo, que ocorre exatamente o contrário nesse processo. Os alunos de 2.º ano afirmaram, na sua grande maioria, ser o professor que orienta para a pesquisa. É importante, porém, salientar que alguns alunos manifestaram o desejo e a necessidade de que o professor traga a sua contribuição como forma de incentivo e referencial.

A maioria dos alunos do 3.º ano aponta para aquele que promova a pesquisa como o professor mais próximo do ideal. Houve um aluno que indicou o ensino com pesquisa como sendo o mais produtivo, porém o professor tradicional como sendo o ideal. Percebe-se, aqui, que é muito importante que o docente instrua o seu aluno sobre o seu método, sobre a sua prática docente.

Para os formandos, alunos do 4.º ano, o professor deve orientar para a pesquisa. Houve um aluno que escolheu o ensino tradicional e outro que expôs: "Deve mesclar, ensinando e incentivando a pesquisa". Isto remete a BEHRENS (1996), que fala da importância de o professor fazer sua exposição teórica, demonstrando, assim, o domínio do conteúdo.

GRÁFICO VI

FORMA DE AULA PREFERIDA



Com referência à relação do ensino com pesquisa e ação na sociedade, houve unanimidade para o sim, junto aos alunos do 1.º ano. Os alunos ponderaram sobre o conhecimento como o caminho para novas descobertas, para ter uma nova visão do mundo e para buscar interagir e, assim, exercer a sua cidadania completa e não de modo superficial.

O aluno, a seu modo, tem noção da importância e da necessidade de sua interação com o social, "com o mundo", nas palavras de um deles e, nas de outro, "aprender para a vida toda". Ele sabe que deve estar sempre aprendendo e que é importante contribuir e aprender com o outro, entender o seu contexto de vida. Assim, "melhoramos nosso atos" por meio do conhecimento. Outros não

identificaram a ligação entre o ensino com pesquisa e ação social, posição comum junto aos egressos do ensino tradicional.

Os alunos de 2.º ano manifestaram o desejo de aprender para repassar para as outras pessoas. É necessário um cuidado com o verbo usado "passar", porém é bastante interessante saber que há preocupação em socializar o saber. Outros vêem na pesquisa o caminho da libertação, a formação de opinião, o aprender para não ser enganado, manipulado; outros se referem à participação crescente no processo de desenvolvimento sócio-econômico-político: "cresce em consciência crítica e a posição em relação à política, a ética, a fé, enfim, tudo é diferente e digno de se dizer que é uma posição livre, clara e realizadora", ou: "quando pesquisamos algo exercemos nosso lado crítico e analisamos conteúdos a fim de chegarmos a uma conclusão e com isso aprendemos a não apenas aceitar o que nos passam e sim desconfiar, averiguando várias idéias".

Enquanto alguns alunos têm essa visão, outros não vêem outra atuação social que não a sua própria no mercado e que, talvez, possa ajudar a outras pessoas, além de acharem que não têm nenhum compromisso social face à profissão escolhida. Contudo, em sua grande maioria, concordam que o ensino com pesquisa lhes faculta melhor atuação na sociedade.

Para o 4.º ano, a relação existe enquanto treinamento para o seu desempenho profissional, visando a melhores resultados; a pesquisa é para se aperfeiçoar com o que há de novo na sua área, buscar a satisfação de seus interesses

para resolver dificuldades em várias áreas, tornando-se mais ativos e reflexivos, contribuindo para o futuro da pessoa, permitindo a atualização cultural, política e social em diversos temas; quanto mais buscam conhecimento, maior participação terão perante a sociedade; “sim, pesquisando e analisando os conteúdos, encontra-se na maioria das vezes, a origem dos fatos, suas causas, futuras conseqüências,... auxiliando-nos na formação de idéias”; “a pesquisa contribui para a formação de idéias e desenvolve o raciocínio”. “Sim. Ela ajuda a desenvolver o caráter da pessoa.”; sente-se preparada para debates; promove o “entrosamento” na sociedade; aplicação do conhecimento no dia-a-dia pessoal e profissional; leva a buscas e reflexões individuais; adquire mais visão crítica; “Sim, pois o ensino com pesquisa faz com que a pessoa construa o seu conhecimento, sendo uma pessoa mais crítica e atuante na sociedade.”

No que diz respeito à expectativa com relação à formação universitária, depreendeu-se dos questionários respondidos que o aluno ao mesmo tempo em que tem grande expectativa em relação a esse ensino, não fala muito em Universidade como “universo do saber”, centro de pesquisa. Dois alunos, apenas, comentaram sobre a possibilidade de a Universidade trabalhar mais livremente em termos de horários, a fim de se lograr mais tempo para fazer pesquisa sobre os diferentes temas e “Ter as bases para a construção do meu conhecimento”. Também há aquele aluno que busca na Universidade apenas seu aperfeiçoamento profissional.

No geral, os acadêmicos do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR esperam sair bem preparados para o mercado de trabalho, com uma visão geral

que lhes permita resolver os problemas futuros relacionados à sua área e também como base para a vida pessoal; que a Universidade lhes dê condições de se aprimorarem e competirem, no mínimo, em pé de igualdade com as outras pessoas. É visível o reflexo do sistema sócio-educacional e econômico do país, em que é importante se ter, pelo menos, a graduação para poder se enfrentar o mercado de trabalho com um pouco mais de segurança. Assim, não se percebe, senão devido ao comentário de um ou outro aluno, que encontram na Universidade um caminho para a produção de conhecimento; a maioria a tem como “repassadora do saber”, ou meio para se adquirir um diploma, uma vez que há a necessidade, para um aluno, de se buscar a complementação fora (neste caso, trata-se de língua estrangeira).

O aluno de 3.º ano acredita que a Universidade prepara, em geral, para as situações que possam ocorrer na profissão, desenvolvimento das atividades com competência e criatividade; melhor posição no mercado de trabalho; enriquecer os conhecimentos; insuficiente uma vez que terá que fazer cursos complementares em alguns pontos e continuar estudando; decepção por achar que a Universidade lhe traria mais subsídios para atuar na carreira; “continuar sempre me atualizando, aprendendo porque não há um término no aprendizado. Temos que estar sempre em constante aprendizado”; “o primeiro passo da caminhada”; garantia do futuro; “esperava que na faculdade fosse ensino de pesquisa, mas vejo que muitas das matérias não são”; “visão ampla para crescermos em todos os setores de trabalho e da vida”; reconhecimento, oportunidade; “não deixei que a escola atrapalhasse meus estudos”.

Já os acadêmicos de 4.º ano esperam passar a ter e a manter um bom emprego, estarem preparados para as necessidades do mercado, terem uma visão geral de mundo; sabem que não depende só da Universidade a sua formação profissional, porém falam sobre a necessidade de a Universidade se adequar ao mercado de trabalho, pensando em buscar um mestrado e doutorado. Outros já acham que a prática ainda conta mais, que esperavam professores de “curso pré-vestibular”. A exposição de uma aluna: “A expectativa é grande com relação ao mercado de trabalho, pois estou com certa dificuldade em me colocar” chama atenção para outro aspecto, que é o da empregabilidade do aluno, para fazer frente às necessidades do mercado de trabalho.

Perguntado sobre sugestões de meios não convencionais para a pesquisa do ponto de vista do aluno com relação ao Secretariado Executivo, foi proposto o uso da própria prática profissional como campo de pesquisa entre outros inúmeros meios, pouco tradicionais, de pesquisa: jornais, revistas, televisão, Internet, bancos de dados, bases de dados em bibliotecas, participação em encontros de classe, viagens, congressos, filmes (não necessariamente os acadêmicos), debates em sala de aula, visitas, entrevistas, Secretarias de Estado, CD's ROM, Teatros, *folders* de boa qualidade, rádios, intercâmbio de informações com outras universidades, projetos direcionados, estágios, intercâmbio, palestras, análise dos materiais por esses meios obtidos para posterior debate crítico, trabalhos em equipe. Os alunos sugeriram um horário para a pesquisa, durante o período de estudo.

O papel da Instituição (PUC-PR) no ensino com pesquisa para os alunos de 1.º ano é de ser bastante presente não só pelo seu corpo docente, como também devido à infra-estrutura fornecida: a Biblioteca, Laboratório de Informática, por exemplo. A metodologia de trabalho em equipe ajuda muito, mas há a necessidade de maior tempo para a pesquisa.

Os alunos de 2.º ano concordam que a Instituição tem uma boa infra-estrutura e conta com boa pré-disposição por parte de seus docentes para o ensino com pesquisa, porém sugerem a introdução da disciplina Metodologia Científica, implementação do acervo bibliográfico direcionado ao curso, inclusive em outros idiomas, e que os professores continuem trabalhando com pesquisas e temas livres, repassem textos para pesquisa e debate. Esperam que não repassem a matéria simplesmente, mas que todos dominem a prática da pesquisa; em virtude da já conhecida falta de tempo, pedem ampliação do horário de atendimento da Biblioteca, assim como há outros que se mostram muito satisfeitos pelo fato de não terem precisado sair da PUC-PR para fazer a sua pesquisa.

Para os acadêmicos do 3.º ano, a Universidade oferece condições. Porém, apontam que há pouco acesso no horário de aula à Biblioteca e pouco material na área secretarial. Registram que nem todos os professores motivam para a pesquisa.

O 4.º ano avalia como ótima a Biblioteca, porém os alunos consideram que há falta de livros na área e que não se incentiva o uso de seus recursos, sendo

restrito o acesso à Internet e, também, que aqueles professores que passam a pesquisa não fazem a orientação necessária.

Acredita-se, neste último caso, que com relação à infra-estrutura da Universidade, e por ser uma turma de último ano, passe despercebida a possibilidade de o professor pensar que o aluno ainda não conheça a sua Instituição. Porém, é o que acontece, ficando aqui a sugestão de sempre repassar com os alunos o que já conhecem ou não.

Como os alunos vêem a ação docente de seus professores no Curso da PUC-PR? Observam, de um modo geral, que muitos professores “transmitem” o conhecimento com muita dedicação, com a intenção de “influenciar” na aprendizagem do aluno, ao passo que outros “passam” a matéria, não se preocupando em se fazer compreender pelo aluno. Para alguns, fica claro o entrosamento entre alguns docentes que buscam na pesquisa a construção do conhecimento.

Fizeram sugestões no sentido de que houvesse plantão por parte dos professores para esclarecimento de dúvidas (monitoria ou novo Projeto Pedagógico que funcionasse como “Consultoria”). Os alunos, embora aprendizes, como todos nós, na arte da pesquisa e mesmo com as suas dificuldades com o fator tempo, gostam dos professores que exigem a prática da pesquisa. Chamam a atenção para a necessidade de o docente “livrar-se”, ele próprio, das amarras do ensino tradicional, buscando diversificar suas aulas, até mesmo, por técnicas lúdicas aliadas à prática

da pesquisa, o que já vem sendo feito pela maioria. Salientam a importância de o professor atentar para as necessidades não só de mercado, mas também para as peculiaridades de cada turma.

Os alunos do 2.º ano consideram que poucos professores ainda trabalham pelo método tradicional. Julgam muito importante a atuação daquele professor que busca trazer a realidade da prática para junto da teoria, amenizando, assim, a falta de conhecimento sobre determinado assunto que ainda não foi tratado. Dessa forma, favorecem aqueles acadêmicos que, devido à sua prática profissional, precisam antecipar determinados conhecimentos, elevando o nível de criticidade do aluno. São da opinião de que a pesquisa favorece o estudo por torná-lo mais interessante e menos cansativo e que alguns professores carecem de entusiasmo e dinamismo e, também, do hábito de pesquisa. Deveriam incentivar os alunos desinteressados com apresentações, palestras, fazer que os alunos percebam que não podem “perder aulas”, pois ficarão em dificuldades para recuperá-las. Talvez falte um pouco de didática a alguns professores, que não conseguem “transmitir” o que sabem, e assim não conseguem comunicar com clareza.

Continuando os depoimentos, a maior parte considera como boa a ação docente de seus professores. Na opinião dos alunos, alguns incentivam e dão atenção ao esclarecimento de dúvidas, enquanto outros apenas “jogam” o conteúdo, havendo aulas “fracas”, no modelo tradicional. Os alunos sugerem que os professores busquem métodos mais rígidos e, outros, mais didática, uma vez que só se preocupam em “passar o conteúdo” com baixa qualidade de ensino. Elogiam aqueles

que se preocupam em “fazer aprender” o que será utilizado no mercado de trabalho, embora, na opinião deles, o conteúdo de algumas disciplinas não venha ao encontro da realidade. Nas palavras de uma aluna: “acho que aprendi mais nas aulas de Filosofia do que nas matérias técnicas – com algumas exceções”. A distância da realidade também é apontada, bem como expõem que alguns professores “facilitam” a matéria, havendo a necessidade de que eles próprios também pesquisem mais.

Na continuidade, surgem opiniões, como: alguns professores são ótimos, outros não têm capacidade e didática; alguns só sabem para eles, aulas desmotivantes; não ensinam de acordo com a realidade profissional; muitos não estão atualizados; forma de ensino muitas vezes tradicional; buscar valorizar o ensino; alguns são muito maleáveis precisando ser mais rígidos; não deixar as cobranças para o último ano, fazê-lo desde a primeira série do curso; muito poucos são inovadores; devem aprender o uso de multimeios; “Por parte de alguns poderia ser melhor. É muito fácil encher os alunos de trabalho e passar o resto do bimestre assistindo apresentações dentro da sala de aula.”.

Percebe-se que há opiniões divididas, porém, quase todos os questionários do último ano do curso fizeram algum comentário sobre a necessidade de se buscar melhorias na ação docente, até com relação à intensidade de cobrança por parte dos professores, freando a maleabilidade excessiva. O alunado se mostra, em boa parte, disposto a assumir desafios, trabalhos, desde que conte com a orientação do professor. Este último comentário demonstra a falta de informação sobre pesquisa por parte da população discente e, talvez, de preparo do professor

em não fazer seu posicionamento teórico, de forma a suprir essas lacunas, que deixam margem à efetiva capacidade técnico-docente.

Só o desenvolvimento de uma tradição de ensino com pesquisa poderá, no futuro, superar a atual dificuldade de alunos e de professores, que as respostas aos questionários mostraram.

CAPÍTULO IV

A FORMAÇÃO DO CORPO DOCENTE NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

A formação do corpo docente do Curso de Secretariado Executivo, por ocasião de pesquisa realizada, apresentava características semelhantes à do próprio curso: currículo voltado para a reconstrução social, racionalismo acadêmico e tendência à tecnologia.

Pelo currículo voltado à reconstrução social, a universidade estaria preparando o aluno para o seu contexto social e também como futuro agente de mudanças. No racionalismo acadêmico, estaria mais voltado às matérias clássicas, e pela tecnologia, estaria direcionado à sociedade de consumo. O docente trabalharia, assim, de acordo com a sua disciplina e visão.

Não se podia traçar, ainda, em 1991, a característica do corpo docente, por não se ter realizado, até então, um levantamento dessa natureza junto aos professores. Esse levantamento e a concepção do docente constituem uma das propostas de continuidade do presente trabalho não só na PUC-PR (questionários), mas também em outros locais de ensino do Curso Superior de Secretariado Executivo.

Por ora, podem-se sugerir algumas noções do que vem a ser o docente que se deseja. Por exemplo, sabe-se que o verdadeiro docente não deverá ser, em princípio, aquele modelo tradicional de ensino, no qual se é um mero transmissor do

saber adquirido. O professor deve ser, sim, aquele facilitador da aprendizagem, dotado de metodologias que propiciem esse ensino de mão dupla.

Neste trabalho, não se poderia deixar de propor novas técnicas de ensino para o Curso de Secretariado Executivo da PUCPR, na tentativa de se começar a reverter o quadro do ensino tecnicista, principalmente o universitário. Assim, é necessário falar-se da formação docente e de como o docente vê o aluno.

Para ALVES (1993):

Toda e qualquer idéia sobre ensino, visto enquanto educação desenvolvida na escola, inclui necessariamente um pensar sobre a formação dos profissionais que nele atuam. Por isto mesmo, acreditamos ser necessário perceber-se quais foram ... as formas de se ver a escola e como se pensou o profissional que nela atuava.

Após os meados da década de 60 e após a promulgação da Lei n.º 5.692/71, sentiu-se que o conteúdo e a relação teórico-prática foram minimizados. Isso refletiu, naturalmente, na relação professor-aluno, tendo o docente passado a ser o *técnico* com sua atividade segmentada e sistêmica. A prática docente tornou-se desarticulada e hierarquizada.

No momento, é necessário reverter esse quadro, que contribuiu para a descaracterização do educador no Brasil, principalmente pela influência de determinantes econômicos, sociais e políticos na educação. O contexto puramente tecnocrático, a partir de 1950, priorizou o setor econômico como principal objetivo em detrimento dos demais, passando a educação a servir a esse modelo. Os resultados passaram a ser um saber direcionado, tecnicista, e a conseqüente limitação

no processo de aquisição desse saber. Dessa forma, não se obtém o profissional que se quer formar.

O professor, fruto dessa época, desviou-se do rumo de seu trabalho, esquecendo de que não se deve preocupar apenas com o conteúdo programático, mas também com a necessidade de centralizar a ação docente no aluno, na sua maneira de aprender a pensar e de aprender a aprender. Ele deve ser capaz de perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais do processo educacional do qual faz parte.

Acredita-se que, partindo de pesquisa histórica sobre o professor, sobre o curso e sobre sua identidade, para posteriormente fazer o levantamento e a sistematização desses dados, poderá passar a identificar variáveis importantes nesse processo ensino-aprendizagem, adquirindo-se uma melhor compreensão dos fatos.

A partir desta proposta de investigação, talvez se possam desenvolver estudos sobre os tipos de conhecimentos necessários ao curso e, principalmente, ao docente do curso, para que este possa viabilizar o verdadeiro objetivo da Universidade.

Parte-se do princípio de que o conhecimento não é matéria estanque, mas resultado de alterações e formulações constantes, devendo estar envolvidos neste processo tanto o aluno quanto o professor. Talvez haja a necessidade de estudos epistemológicos mais aprofundados para se compreender a "abstração", a produção de "significações", identificando-se, assim, a construção ou o desenvolvimento do conhecimento e a inteligência das gerações.

Enfim, como o conhecimento articula-se com a realidade, não se pode mais trabalhar com “conhecimento compartimentalizado”, em blocos do saber para blocos de clientela. Precisa-se viabilizar formas de ensino “enredadas”, sendo uma a continuação e o complemento da outra.

MACHADO (1995, p.31) ensina que se deve::

Explorar o terreno epistemológico onde deverá ser plantada a semente da concepção do conhecimento como uma rede de significados em um espaço de representações, uma teia de relações cuja construção não se inicia na escola, e que se agrega, possivelmente, a uma proto-rede inata, constitui o cerne deste trabalho.

Justifica-se, então, a proposta de traçar um quadro analítico da situação atual, considerando todas as possíveis variáveis, suas implicações deformadoras ou não. Com relação ao professor, já está devidamente comprovado por outros estudos realizados, que o atual docente não foi bem preparado para o contexto em que viria a atuar, intensificando as características negativas de nosso ensino.

Como os professores de hoje foram os alunos de ontem, é necessário chamar a atenção para o fato de que o aluno das duas últimas décadas incorporou as tendências tradicionalistas ou tecnicistas, ou, ainda, dividiu-se entre elas, como foi o meu caso. Vivenciei a escola tradicional em que o aluno se torna um agente passivo, sem experiência, que necessita das verdades prontas e acabadas de seus professores. Os docentes, por sua vez, eram tidos como as autoridades em sala de aula.

O estudo era feito por meio da memorização e cópia, em que o compromisso maior da escola era com a chamada “cultura geral”. Nunca foram

colocadas questões críticas que levassem os alunos à aquisição da reflexão crítica e da historicidade do sujeito.

Depois, passada a escola tradicional, vim a fazer parte da escola tecnicista de 2.º grau, ensino profissionalizante, passando a ingressar em curso também de origem tecnicista: Secretariado Executivo. Quando ingressei na carreira docente, naturalmente que minhas tendências só poderiam ser para a reprodução do saber e manutenção de comportamentos pré-determinados.

Assim, como deixar de ter um determinado comportamento, uma vez que se recebe influência do meio? As respostas começam a aparecer. O problema não está nos alunos, está na bagagem que eles trazem consigo. O problema não está apenas na formação futura do professor, mas também na sua herança escolar.

É preciso mudar, corrigir o rumo. A partir de agora, com novos conceitos educacionais identificados, com novas tendências que realmente mostram o caminho docente é que se poderá falar numa prática de inovação, cujos principais recursos serão a linguagem, o diálogo e a ação.

Sugere-se a adoção de novas técnicas de ensino, na tentativa de se começar a trabalhar buscando reverter o quadro positivista do ensino tecnicista. Há que se preocupar com o verdadeiro significado de ensino.

Para ALVES (1986, p.5):

Toda e qualquer idéia sobre ensino, visto enquanto educação desenvolvida na escola, inclui necessariamente um pensar sobre a formação dos profissionais que nele atuam. Por isto mesmo, acreditamos ser necessário perceber-se quais foram, (...) as formas de se ver a escola e como se pensou o profissional que nela atuava.

Com esta nova perspectiva, deve-se ressaltar a importância de não só formar o profissional, mas também formar o cidadão, a pessoa. Felizmente, sabe-se que, nesse processo, o aluno será um indivíduo único e valioso. O professor será um facilitador da aprendizagem, criando com esse aluno, situações que atendam às necessidades desse aluno. Esse novo docente irá considerar holisticamente o aluno e o mundo, buscando as inter-relações desse último com os conteúdos de sua disciplina, no sentido de entender e de fazer entender a realidade.

- Os professores da PUC-PR da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório

Com referência às questões, apresentam-se, a seguir, as contribuições dadas pelos professores.

- Periodicidade da Pesquisa na vida do professor de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório

Com relação à periodicidade da Pesquisa na vida do professor de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, dois professores responderam à indagação, sendo que um sempre a faz e o outro, que a faz freqüentemente.

- O porquê da pesquisa para o docente.

Ao serem questionados sobre o significado da pesquisa, um dos professores respondeu: “pela descoberta de novidades que a pesquisa proporciona”; e o outro assinalou todas as respostas: “a própria descoberta de novidades”, “melhora de seu desempenho docente”, “maior aprendizado” além de “reforçar o que sabe”.

- A melhor prática docente na opinião dele próprio.

Quando perguntados sobre qual seria a melhor ação docente, se o ensino tradicional ou o ensino com pesquisa, o item foi respondido por apenas um dos professores como sendo o ensino com pesquisa. O outro professor não respondeu.

É importante registrar que dificilmente um professor hoje não escolheria o ensino com pesquisa (afirmativa respaldada pelo intenso movimento na área da Educação que se vê por todo o país). Porém, a abstenção em responder, do segundo professor, obriga-nos a considerar a importância do ensino Tradicional, a despeito das novas correntes didático-pedagógicas. Como destaca Lígia Regina Klein, “Nesse sentido, reiteramos a idéia de que abandonar uma prática que não mais está realizando sua função é absolutamente legítimo e necessário (...) Contudo, promover mudanças aderindo a encaminhamentos que se *acredita* melhores, apenas porque se propõem opostos aos encaminhamentos *tradicionais* sem tê-los apreendido

e compreendido nas suas últimas conseqüências, é empreitada que nos parece temerária e improdutiva, senão prejudicial a um processo que já se mostra tão combatido, como é o caso da educação brasileira.” (KLEIN, 1996, p.32)

- **Os caminhos propostos para a promoção da Pesquisa.**

Quando perguntados sobre “Que caminhos você adotaria para promover a pesquisa?”, as respostas variaram entre as seguintes opções: entrevistas (vivências), leituras e pesquisa de campo para levantamento das necessidades do mercado.

As respostas não surpreenderam. Pelo contrário, ratificaram a hipótese inicialmente colocada sobre a importância da motivação do aluno em fazer a pesquisa, em aceitar o ensino com pesquisa.

- **Do ponto de vista docente, o que motiva ou desmotiva
aluno a descobrir/pesquisar**

Com relação à questão “Ao seu ver o que motiva ou desmotiva o aluno a descobrir/pesquisar?”, as principais respostas foram: “A transmissão do conteúdo” e “quando lhe é apontado um objetivo que seja interessante”.

Ora, tem-se aqui, novamente, outra resposta para a questão da motivação. A mera transmissão do conteúdo, sem respeitar a sua aplicabilidade direta por parte do aluno, que, justamente levado pela tendência tecnicista do

mercado que lhe cobra determinadas atitudes e conhecimentos, cai na mesmice do decorar pelo decorar.

Por outro lado, até mesmo essa transmissão do conhecimento pode ser muito bem trabalhada, por meio do direcionamento do assunto para o interesse e necessidade daquele aluno, passando essa "transmissão de conteúdo" para um "objetivo interessante".

- A intenção docente

Perguntados sobre "Qual a sua intenção ao lecionar?", os docentes responderam que "Transmitir conhecimento e melhorar a mão-de-obra" e possibilitar que "todos tenham acesso ao conhecimento".

As respostas obtidas refletem postura altruísta e digna de elogios para esses professores. Até mesmo a transmissão de conhecimento deve ser respeitada, embora vá contra os postulados da prática pedagógica emergente. Mesmo neste trabalho se coloca o item "Comunicação com o aluno" que, além de ser a adoção de ação docente voltada para a comunicação, também se refere a essa "transmissão de conhecimento", só que, no caso do trabalho, considera-se essa transmissão como sendo uma ação bilateral, de duas mãos, e que vai do professor para o aluno e do aluno para o professor.

- **A motivação docente**

A pergunta “Qual a sua motivação ao ensinar?” trouxe respostas como “Retoma a motivação ao fazer visitas a empresas”; “tem o ensino como o seu ideal”, além de “gostar do que faz”.

Os professores, de forma igual, responderam que sua motivação se origina de “visita a empresas”, por ter o “ensino como o seu ideal” e por “gostar do que faz”.

Segundo uma análise com base na presente proposta de trabalho, do ensino com pesquisa enfocando aspectos fundamentais como motivação e intenção, poder-se-á dizer que a última resposta preenche esta indagação de maneira singular. “Gostar do que faz” é um aspecto que quase prescinde de verbalização, pois que é imediatamente identificável pelo aluno, seja em que grau for, e é condição para a presente proposta de prática pedagógica, uma vez que **motiva** o aluno a **atender** àquele professor pela imediata comunicação entre o “interessado em ensinar” e o “interessado em aprender”.

- **Sugestões de alternativas para pesquisa**

Os docentes entrevistados responderam à questão “Você poderia listar outros meios que poderiam ser utilizados na pesquisa, além dos livros?”, com as seguintes sugestões: “entrevistas”, “visita a empresa”, e “conversa com os alunos,

empresários, profissionais de diversas áreas”, como meios alternativos, para os alunos, de se fazer pesquisa.

Aqui iria repetir-se a mesma justificativa do item “Caminhos propostos para a promoção da pesquisa”. No entanto, faz-se uma observação com relação à falta de menção aos meios tecnológicos de se fazer pesquisa e de se praticar o ensino com pesquisa. Dado novo é, com certeza, a proposta de conversar não só com empregadores em potencial, mas também com profissionais de diversas áreas: após verificação da grade curricular do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR, constata-se sua multidisciplinaridade e, conseqüentemente, a possibilidade de trabalhos interdisciplinares, justificando a necessidade de se buscar informações sobre todas as áreas do conhecimento e atuação profissional.

- **Facilitação da pesquisa pelas Instituições**

Qualquer prática pedagógica que se venha a adotar (até mesmo na linha tradicional) precisará de apoio por parte da Instituição que a receba. Indagado isto aos professores, responderam que “Não facilita, embora possua livros à disposição na Biblioteca” e “Não tem conhecimento amplo sobre o que é ofertado nessa área para o Curso de Secretariado Executivo”. *coloca a necessidade do*

Quanto à primeira resposta, a qual foi negativa, faz-se necessário posicionar-se de maneira a não corroborar a crise já existente na educação brasileira; não se pede para “transformar a água em vinho”, mas buscar justamente os meios alternativos e disponíveis junto aos próprios alunos como maneira de reverter a não

disponibilidade da Instituição; e, quanto à segunda resposta, infelizmente não há, ainda, uma cultura de pesquisa ou de ensino com pesquisa dentro da área de Secretariado Executivo, consolidada o suficiente para que “se tome conhecimento” por meio de ampla divulgação. Justamente aqui reside o cerne do presente trabalho em buscar, por meio do ensino com pesquisa, dentro do Curso de Secretariado Executivo, focos de concentração científica para desenvolvimento de trabalhos na área e de futuras linhas de pesquisa voltadas para a profissão.

- **Ensino com Pesquisa e Ensino Tradicional: contribuições**

Na questão “A Instituição na qual você leciona facilita a pesquisa?”, dos professores participantes um respondeu que “É necessário inovar sempre, por concluir que o ensino tradicional não atrai conhecimentos”, e o segundo disse ser “a possibilidade de aliar a teoria à prática, o ideal no ensino com pesquisa”.

Já houve referência em questão anterior sobre o chamado ensino tradicional. Obviamente que o ensino tradicional, em nosso estudo, não se constitui em ponto principal, uma vez que a proposta é justamente a de ensino com pesquisa. Porém, recorrendo novamente a KLEIN, quando coloca a necessidade do ensino tradicional, o que se alia ao que afirma DEMO: “...A competência que a escola deve consolidar e sempre renovar é aquela fundada na propriedade do conhecimento como instrumento mais eficaz da emancipação das pessoas e da sociedade. Nesse contexto, mera transmissão é pouco, embora como insumo seja indispensável.” Não

se pode, portanto, deixar de se fazer referência à importância do Ensino Tradicional, enquanto forma presente e atuante nos diferentes níveis de ensino.

- **Os Professores de Técnicas de Secretariado de Instituições de Ensino Brasileiras**

No presente trabalho foram emitidos 44 questionários. Desses, retornaram os respondidos por: Faculdades Associadas Ipiranga - SP (1), Universidade do Sagrado Coração-USC/SP (1), Faculdade de Tecnologia de Guaratinguetá/FATEC-SP (1), FURB-SC (1), UNIOESTE-PR (1), UEL-PR (2), Universidade de Mogi das Cruzes-SP (1), Universidade de Caxias do Sul-RS (1), Universidade Federal do Ceará-UFC (3), Unicentro Newton Paiva-MG (3), UNIT-ARACAJU-SE (1), UMESP-SP (1), Faculdades Renascença-SP (1), UPIS-DF (1), e mais dois (2) questionários cuja procedência não foi identificada, totalizando um retorno de 21 questionários respondidos. Deve-se observar aqui que alguns professores responderam mais de uma opção por pergunta.

- **Periodicidade da Pesquisa na vida do professor de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório**

A fim de se tentar traçar um perfil do atual professor da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório de outras IES do país, com relação à incidência da pesquisa em sua vida docente, foi perguntado ao professor:

“Quanto à prática de pesquisa, você a faz: 1) nunca, 2) raramente, 3) freqüentemente, 4) sempre”.

Sujeito A: respondeu que raramente faz pesquisa.

Sujeito B: respondeu que raramente faz pesquisa.

Sujeitos C,D, E, F, G, H, e I: responderam que sempre a fazem.

Sujeito J ao S responderam que a fazem freqüentemente.

Sujeitos T e U abstiveram-se de responder.

O resultado mostrou-se bastante satisfatório, se for levado em consideração que, assim como os alunos, os professores, também, estão sujeitos a uma determinada carga horária. À exceção do que acontece nas Universidade Federais (5 no total), sabidamente organizadas em regimes de dedicação exclusiva ou parcial, em que se conta com carga horária destinada à pesquisa, é com certo grau de dificuldade que o professor universitário sempre faça pesquisa. Curiosamente, dos sete professores que, neste levantamento, responderam que **sempre** fazem pesquisa não são de instituições federais); estranha-se que professores universitários **raramente** a façam, porém, considerando o exposto, é aceitável, embora não ideal, que a façam **freqüentemente**, uma vez que deverá ser o principal recurso de trabalho do professor em qualquer grau. A pesquisa é o motor propulsor do ensino com qualidade, do ensino com produção de saber e capaz de tornar as pessoas críticas e conscientes, inclusive os próprios professores.

- **O porquê da pesquisa para o docente.**

Nesta pergunta, a intenção foi de se levantar a intenção desse professor ao pesquisar: fazer por necessidade de trabalho, por afinidade ou por ambos os

motivos, colocando no instrumento de pesquisa as seguintes opções de resposta: "melhora seu desempenho docente", "aprende mais", "descobre novidades", "reforça o que sabe".

As respostas obtidas foram as seguintes:

Sujeitos A, B e C: responderam que a pesquisa ajuda a melhorar seu desempenho docente além de proporcionar a descoberta de novidades.

Sujeitos A, B, D, E, F, G, H, responderam que a fazem por aprenderem mais.

Os sujeitos I e J, responderam que a pesquisa os ajuda a reforçar o que sabem.

Os sujeitos K, L, M, N, responderam que a pesquisa proporciona descoberta de novidades.

Os sujeitos O, P e Q responderam utilizar a pesquisa como meio de melhorar seu desempenho docente.

Os sujeitos R, S, responderam a todas as questões.

- **Qual a melhor prática docente na opinião dele próprio**

Nesta questão, buscou-se respaldar o presente trabalho na confirmação de que os professores de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, de uma maneira geral, preferem o ensino com pesquisa. Assim sendo, formulou-se seguinte pergunta: "Na sua opinião, qual a melhor ação docente?, 1) ensino tradicional, 2) ensino com pesquisa". Tal hipótese foi confirmada pelos seguintes resultados: dezenove entre os vinte e um professores que participaram do presente trabalho de pesquisa, responderam que a melhor prática docente é a do ensino com pesquisa.

- **Quais os caminhos propostos para a promoção da pesquisa**

Os professores sugeriram as mais variadas formas para promoção da pesquisa; segue relação de sugestões:

Sujeito A: "estudos de casos; pesquisa por títulos e assuntos; incentivo às publicações; iniciação à docência, iniciação à pesquisa; premiação para os melhores trabalhos.

Sujeito B: pelo livros (biblioteca), questionários às secretárias de empresas, internet.

Sujeito C: exigência de apresentação de monografia ao término do curso.

Sujeito D: apresentação de seminários pelos alunos no decorrer do curso.

Sujeito E: concursos com temas específicos da área.

Sujeito F: uso de bibliotecas, entrevistas com profissionais da área, empregadores, estudo da situação da profissão junto ao mercado de trabalho.

Sujeito G: checar junto aos alunos os temas que mais lhes interessam.

Sujeito H: complementação com estudos de casos reais, livros, jornais.

Sujeito I: seminários, workshop, painéis, debates.

Sujeito J: consultas a bibliografia indicada, entrevistas com profissionais ou estudiosos do assunto, internet, apresentar as experiências vivenciadas expondo facilidades e dificuldades encontradas e esclarecer porquês, causas e motivos, promover a criatividade e a curiosidade apresentando a aplicabilidade.

Sujeito K: adotar a pesquisa como atitude cotidiana, de tal modo que o aluno tenha capacidade de estar sempre alerta às constantes mudanças, esteja bem informado e saiba ler criticamente a realidade para, então, reconstruir sua prática.

Para isso, é preciso permitir a participação dos alunos em sala de aula por meio de suas demonstrações de curiosidade, questionamentos. Permitir espaço para ouvir, também, suas angústias profissionais, bem como algum problema técnico ou interpessoal que possam estar vivenciando no ambiente de trabalho. Este deveria ser um ponto de partida para a discussão do grande grupo, revisitando a teoria, reconstruir essa teoria à luz do contexto atual; ainda:

Sujeito L: propor títulos e assuntos atuais para serem aprofundados pelos alunos, pesquisa par serem apresentadas em sala, preferencialmente, com assuntos complementares.

Sujeito M: análise de situação ambiental na área determinada, definindo-se a linha de investigação: se humanística, tecnológica ou outra.

Sujeito N: conscientização/motivação/entretenimento e depois obrigatoriedade.

Sujeito O: compra de livros, entrevistas.

Sujeito P: definição do assunto estabelecendo o foco, orientação sobre fontes e métodos.

Sujeito Q: preparação de roteiro de trabalho, elaboração de cronograma

Sujeito R: orientações, projetos e palestras.

Sujeito S: pesquisas bibliográficas, estudos de casos e pesquisa de campo (estágio).

Sujeito T: crê que os alunos devem ser motivados para que possam buscar, sozinhos, o seu próprio conhecimento, sendo preciso mudar a mentalidade que ainda impera na maioria das IES: só o professor detém o conhecimento, aula "boa" é aquela em que o professor só fala e o aluno só ouve e copia.

Sujeito U: levantamento bibliográfico sobre assuntos relacionados à disciplina, conscientização sobre a importância da pesquisa na construção do saber, indicação de livros para leitura e trabalhos acadêmicos; a pesquisa deve sempre trazer resultados práticos para a atividade profissional.

- **Motivação e desmotivação do aluno, do ponto de vista docente, referente à pesquisa**

Entre aqueles professores que responderam que **frequentemente** fazem pesquisa, esses consideram que: o aluno se sente motivado ou desmotivado para a pesquisa em função da sua realidade profissional imediata ou não, e do incentivo e apoio que recebe para buscar novos caminhos. Conforme observações:

Sujeito A: "o aluno gosta de estar a par de novas informações e dados e, principalmente, porque atuam como seres ativos da pesquisa e da aula.

Sujeito B: "Por necessidade pessoal, interesse pessoal, a afinidade com o tema da pesquisa, a ascensão profissional, o reconhecimento do seu trabalho e de seu esforço";

Sujeito D: "o aluno do 3.º grau não tem o hábito/gosto pela pesquisa, pois ele não foi preparado para esta atividade. O que motiva à pesquisa é o tema livre, ou seja, pesquisa algo que goste, que seja do seu interesse e não uma pesquisa imposta";

Sujeito I: "Motivação: aplicabilidade da descoberta, necessidade de crescimento intelectual, profissional e pessoal; Desmotivação: falta de estímulo, má colocação de objetivos, falta de perspectivas de utilização a curto prazo, visualização sem poder de associação teoria/prática/resultado";

Fazendo-se uma análise do que foi colocado pelos professores pesquisados, reuniram-se neste bloco aquelas respostas que viessem de encontro ao que se chamará de **primeiro ponto de atenção** para a metodologia proposta: o nível de interesse do assunto para o aluno enquanto trabalho de motivação.

É sabida a importância do direcionamento ou re-direcionamento dos conteúdos para a realidade de vida social e profissional desse aluno. Infelizmente, não se vive ainda uma época em que se possa prescindir do ensino técnico em prol da produção científica tão-somente. No entanto, a presente proposta visa ao trabalho do ensino com pesquisa como forma de amenizar e substituir a sua ausência completa pelo início de uma metodologia do ensino pela pesquisa no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR, sem tolher ou rechaçar caminhos ainda importantes para a formação do profissional para o mercado de trabalho. Porém, deve-se alertar para a questão metodológica, ainda falha no meio educacional, mas felizmente sendo lembrada, de acordo com as seguintes observações:

Sujeito C: "definição do assunto, estabelecendo o foco, orientação sobre fontes e métodos, preparação de roteiro de trabalho, elaboração de cronograma.";

Sujeito E: "A metodologia de que o professor se vale e a própria postura do Educador: é ele a mola propulsora ou o retrato da inércia";

Como não poderia deixar de ser, os professores pesquisados também apontaram o que será chamado de **segundo ponto de atenção**: a questão da intenção. Em suas respostas, os professores confirmaram o pressuposto do presente

trabalho em afirmar, a cada instante, a importância de o docente dizer sempre a que e por que veio. Esta simples conduta poderá fazer a diferença positiva ou negativa no início do processo ensino-aprendizagem por meio da proposta metodológica do ensino com pesquisa no Curso de Secretariado Executivo.

Sujeito F: "o que mais motiva o aluno a pesquisar é o interesse do docente em passar as vantagens deste método";

Sujeito H: "É o fato do aluno perceber o interesse sincero do professor no seu crescimento pessoal e profissional. É saber ouvir o aluno e incentivá-lo a seguir adiante. (É o que, na minha opinião motiva o aluno a pesquisar";

Como não poderia deixar de ser, aparece um **terceiro ponto de atenção** elementar para o ensino com pesquisa: a falta de recursos bibliográficos. No entanto, como a presente dissertação visa, inclusive, a uma retomada do ensino com pesquisa a despeito de poucos recursos bibliográficos que possam existir na área (é sabido que são limitados), propor-se-á, com ajuda dos próprios docentes entrevistados, caminhos alternativos para realizar o ensino com pesquisa.

Sujeito G: "a falta de livros recentes, bibliografia complexa e falta de tempo desmotivam o aluno";

Sujeito J: "Desmotiva: o comportamento fechado das empresas às pesquisas acadêmicas. Falta de acervo atualizado das bibliotecas, o baixo retorno e real aproveitamento relacionados com o trabalho dos alunos, por parte de professores." .

Abaixo seguem observações dos professores que responderam que fazem pesquisa **sempre** ou **raramente**. Foram igualmente classificadas, conforme segue: a motivação do aluno pelo seu interesse pessoal e profissional; a

desmotivação pela falta de tempo, dinheiro e falta de material bibliográfico, e fato novo trazido pelo **Sujeito T** - "Motiva: a disponibilidade de material bibliográfico. A possibilidade de melhores notas." Esta última observação é bastante importante na razão direta do esforço do aluno para alcançá-la. É sabido que o homem atende a estímulos e, aqui tem-se um estímulo pelo chamado condicionamento operante (Skinner). Tratando-se de alunos muitas vezes, como já anteriormente referenciado, recém-saídos do ensino médio e, ainda em processo de amadurecimento, é de suma importância que o docente trabalhe, também, a motivação pelo incentivo a esse aluno.

Seguem, abaixo, as contribuições já comentadas:

Para os professores que **sempre** fazem pesquisa:

Sujeito K: "interesse pessoal pelo assunto, necessidade, curiosidade; pode desmotivar a pressão, horário de trabalho, fatores externos (tempo).";

Sujeito L: "O que motiva são os assuntos relacionados à sua profissão e/ou algum assunto de seu interesse. O que desmotiva: quando não tem a ver com a sua realidade.";

Sujeito N: "Motiva: o próprio interesse do aluno num melhor aprendizado e desenvolvimento de suas atividades; desmotiva: a falta de reconhecimento nas atividades exercidas.";

Sujeito P: "o que motiva o aluno é a visão dos objetivos e metas a serem alcançados por meio da pesquisa e sua importância para atuar no contexto sócio-econômico do país";

Sujeito M: "O pequeno acervo de livros específicos da área, falta de tempo disponível dos que trabalham, pequena valorização do profissional de Secretariado no Estado de Sergipe, etc.(desmotivam). Motivação: o interesse em conhecer melhor a profissão";

Sujeito O: "Desmotiva: falta do exercício de aprender a aprender dificulta o aluno a querer inovar e ousar na busca do conhecimento. Motiva: a prática de pesquisa facilita a quebra de paradigmas e exercita a descoberta do novo, imprimindo maior segurança no aprendizado.";

Sujeito Q: "O que pode ocasionar desmotivação: o hábito de encontrar tudo pronto e a ausência de incentivo à leitura.";

Sujeito R: "falta de bibliografia adequada, falta de tempo para se dedicar à leitura e elaboração do texto, falta de incentivo por parte da maioria das escolas de ensino superior, falta de apoio dos professores, falta de professores qualificados para orientar os trabalhos, entre outros. Tudo isso acaba por desmotivar o aluno e tornar o curso superior uma 'extensão' do 2.º grau."

E, para os que disseram fazer pesquisa raramente:

Sujeito S: "fator tempo para a pesquisa; fator monetário (quando não providenciado pela entidade escolar); querer aprender sempre e troca de experiências.";

Sujeito T: "Motiva: a disponibilidade de material bibliográfico. A possibilidade de melhores notas."

(um dos professores não respondeu a esta pergunta)

- Qual a intenção docente?

Aqui se distinguem dois momentos bastante claros e já esperados: a herança do ensino puramente tecnicista e já influências de novos paradigmas. Ambos são importantes e fundamentais na formação do profissional de Secretariado Executivo, porém, sugere-se um equilíbrio entre eles: o da competência técnica aliada à formação do aluno cidadão, crítico, com o ensino de mão-dupla, favorecendo não apenas ao aluno mas também ao professor.

Seguem as declarações divididas e "classificadas" em dois paradigmas:

Paradigma n.º 1:

Sujeito A: "Formar profissionais tecnicamente, para que possam assessorar executivos dos diversos segmentos".

Sujeito J: "Fazer com que o aluno se sinta motivado a aprender, a aprofundar-se no assunto e perceba a importância da teoria na prática empresarial."

Sujeito L: "Preparar o aluno para enfrentar o mundo de trabalho e ser um Secretário Executivo qualificado para desempenhar o seu papel."

Sujeito M: "Despertar no aluno a importância do conhecimento, da qualificação profissional."

Sujeito N: "Transmitir informações que subsidiarão um desempenho profissional adequado, eficiente e ético."

Sujeito P: "Fazer com que o aluno tenha consciência de sua profissão e tenha maiores dados práticos sobre como deverá atuar."

Sujeito Q: "Minha intenção ao ensinar é formar profissionais competentes, independentes, capazes de enfrentar com segurança a concorrência do mercado de trabalho."

Sujeito R: "Desenvolver o potencial do aluno. Integrar o aluno à realidade de sua vida profissional, aliando teoria à prática. Levar o aluno a expandir seus horizontes em nível pessoal e profissional."

Sujeito B: "Prazer em transmitir meus conhecimentos teóricos e experiências práticas vivenciadas".

Paradigma n.º 2:

Sujeito C: "Objetivo pessoal. Disseminar e agregar conhecimento".

Sujeito D: "Fazer com que o aluno possa absorver o máximo de conhecimento possível e abrir caminho para o seu desenvolvimento pessoal e profissional".

Sujeito E: "Aprender permanentemente".

Sujeito F: "Aprender, inovar e facilitar o desenvolvimento do alunado, dentro de uma perspectiva andragógica, favorecendo a descoberta de novas formas de combinar ensino e prática profissional."

Sujeito G: "Preparar profissionais aptos a enfrentar os desafios da profissão; integrá-los às novas tendências que surgem interagindo-os à profissão e às mudanças, de maneira que estejam sempre atualizados; prepará-los para desenvolver com confiança as atividades atribuídas."

Sujeito H: "Preparar discentes para lidarem com a realidade do mundo como cidadão e profissional de sucesso. Ajudar a descobrir, despertando a curiosidade e demonstrando tendências melhores assimiladas se também associada aos fatos e história passada."

Sujeito I: "É ajudar meus alunos a descobrirem a sua singularidade, ensinar-lhes a desenvolvê-la, para depois poderem espalhá-las pelos mais diversos ambientes que freqüentam. É também, torná-los indivíduos capazes de saber pensar, avaliar, criticar e criar."

Sujeito K: "Orientar, dividir, somar, buscar, ousar e tantas outras ações das quais, como Educadores, podemos nos valer."

Sujeito O: "Que o aluno obtenha o máximo resultado em aprendizagem."

Sujeito S: "Basicamente, observar o crescimento dos meus alunos diante dos fatos da vida e fazê-lo perceber que são parte integrante da engrenagem social e co-responsáveis pelo ritmo que ela empreende."

- Qual a motivação docente?

Percebe-se que a questão da motivação é intrínseca à intenção e também pode subdividir-se em dois paradigmas, como: técnico e do ensino com pesquisa. O primeiro justifica-se pelas respostas do 1.º grupo em afirmar que sua motivação deriva-se da vontade de “transmitir sua experiência, amor à profissão, etc. O 2.º grupo em reafirmar pressupostos de novo paradigma progressista. Os dois paradigmas, se somados, constituem-se em forte condição para uma maior motivação docente e conseqüente retorno por parte dos alunos.

1.º Grupo:

Sujeiro A: “Gostar da profissão de Secretariado.”

Sujeito E: “Gostar da profissão. O fato de atuar na área secretarial, dando maior credibilidade ao curso, disciplina e experiência.”

Sujeito G: “Passar para o aluno as experiências práticas e teóricas que já tivemos em nossa carreira de Profissional de Secretariado.”

Sujeito L: “Saber que existem pessoas que realmente gostam dessa profissão (Secretariado), e que estão dispostas a aprender e honrá-la.”

Sujeito M: “Como já atuei como Secretária Executiva Bilingüe senti quais são as maiores dificuldades que este profissional se depara e assim me sinto motivada a melhor prepará-los para o campo de trabalho.”

Sujeito P: “O amor à profissão, pois também sou Secretária e a gratificação por atuar em uma área onde há várias ramificações profissionais, ou seja, permite-nos atuar em áreas diferenciadas. E isso procuro passar aos alunos”.

Sujeito Q: “Gostar muito do que faço e o prazer em transmitir a minha experiência às alunas”.

2.º Grupo:

Sujeito B: “Estreitamento no relacionamento professor-aluno, interesse despertado.”

Sujeito C: “Estar sempre atualizando-me e aprendendo com isso.”

Sujeito D: “Sinto-me motivada a mostrar aos meus alunos que eles sabem tanto quanto eu. Eles devem entender que para isso, devem apenas mergulhar dentro de si próprios e aprender a nadar sozinhos.”

Sujeito F: “O que me motiva é a ensinar, é o desejo de aprender coisas novas, de crescer, de se tornar profissionais, que vejo nos meus alunos a cada semestre letivo. São poucos os que não se interessam.”

Sujeito H: "O sentimento de poder dividir conhecimentos, o atualizar-se constantemente, o sentimento gratificante de ver a evolução do estudante."

Sujeito I: "Gosto muito da profissão de professora; tenho realmente muita satisfação em repassar conhecimentos. Não consigo avaliar minha motivação, só sei que me realizo como professora."

Sujeito J: "Suprir a necessidade de aprendizado; multiplicar meus conhecimentos; troca de informações e experiências entre professor/aluno."

Sujeito K: "O propósito de aprender com a interação."

Sujeito N: "É ter descoberto nestes últimos cinco anos que o nosso sucesso como professor/educador/facilitador (indiferente do nome) depende do nível de compreensão que temos do que é 'ser humano'. Alguém que vê, chora, ri, sente, cheira... Depende do respeito que temos dos seus sentimentos, suas emoções..."

Sujeito O: "A necessidade constante atualização, busca de melhoria didática freqüente e a realização de fazer o que mais gosto".

Sujeito R: "Abrir novos horizontes para meus alunos".

Sujeito S: "Colaborar com a formação de outrem e estar integrado numa platéia dinâmica".

Sujeito T: "Todas. A identificação com grupos diversos, auto-realização como um guia-potencializador de pessoas, oportunidade de atualizar-me em várias instâncias. Ampliar o universo de conhecimento. Colaborar para o crescimento de muitos".

(um dos professores não respondeu a esta pergunta).

• Sugestões de alternativas para fazer pesquisa.

Segue, abaixo, uma ampla relação de alternativas para o ensino com pesquisa, que podem auxiliar na ausência de recursos bibliográficos:

- Visitas a empresas; jogos e dinâmicas situacionais; simulação de ações cotidianas – laboratórios, computação integrada à criatividade em sala. Entrevistas a Especialistas na área.
- Pesquisas de campo, elaboração de casos de estudo. Arquivos de documentos, revistas e jornais. Arquivo Público do Estado, arquivo de dados das instituições, disponibilizados via Internet.
- Pesquisas diretas com Executivos, com Secretárias; mesa-redonda envolvendo Executivos e Secretárias.
- Contato com notícias (atualidade); filmes os quais podemos associar e debater resultados; Internet; Mesas-redondas, debates, seminários e palestras.

- As situações-problema vivenciadas pelos alunos no trabalho; entrevistas/seminários com profissionais da área; descrição das atividades diárias na função, dos alunos e submetê-los à análise para detectar habilidades ou deficiências.
- Internet, experiências práticas (na área de arquivo por exemplo).
- Coleta de dados, levantamento estatísticos, análise ambiental, entrevistas, registros, Internet.
- Internet, alguns tipos de filmes, entrevistas, observação.
- Jornal, revistas, filmes, Internet, entrevistas (individual e coletiva) e debates.
- Por meio da pesquisa de mercado, sobre a atuação profissional.

• **As instituições facilitam a Pesquisa?**

Conforme já foi abordado quando do levantamento das respostas dos professores de Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório da PUCPR, o apoio institucional é fundamental. Dos dezesseis retornos que se teve para esta questão, quatorze professores responderam que sim, a Instituição facilita plenamente a pesquisa. Das outras duas respostas coletadas, um professor disse não haver, por enquanto, nada na área, e o segundo indica uma predisposição da Instituição em fazê-lo, de acordo com que segue:

Sujeito A: "Sim. Está sempre colocando isso em pauta tanto para docentes e alunos".

Sujeito B, D, F, G : "Sim".

Sujeito C: "Sim. Possui um excelente acervo e banco de dados".

Sujeito E: "Sim, pois contamos com grandes investimentos tanto na parte tecnológica (cursos, instrutores) quanto na obtenção de material didático (nossa biblioteca é excelente). Temos incentivos a cursos de especialização e qualificação profissional. Cursos de Didática e Mestrado".

Sujeito H: "Sim. Quem dera todos os docentes aproveitassem os incentivos e fizessem de cada aula uma pesquisa. Estímulos não nos faltam".

Sujeito I: "Sim, proporciona na medida em que há interesse por parte do grupo".

Sujeito J: "Sim, ela facilita tanto aquela definida como princípio científico, tida como atividade especial e financiada, bem como a pesquisa como atitude cotidiana".

Sujeito K: "Sim, com grande êxito. Instalando uma biblioteca que busca atualizar-se com temas variados e abrangentes à realidade. Instalação de Internet para uso de docentes alunos. Convite para profissionais de diversas áreas participarem de palestras e debates na Faculdade. Exposições e eventos culturais".

Sujeito L: "Plenamente. Temos reuniões para discussões de assuntos e interação de novas idéias".

Sujeito M: "Sim, mas não nessa área, pois o curso de Secretariado está vinculado ao Curso de Letras".

Sujeito N: "Sim por todos os meios disponíveis em bancos de dados locais e em todas as bibliotecas conveniadas".

Sujeito O: "Dentro da área de Secretariado, ainda não. Talvez por ser um curso novo".

Sujeito P: "A instituição busca caminhos que facilitem a pesquisa docente como forma de qualificar seu professorado a uma possível e, quem sabe, breve transformação em Centro Universitário".

- **Ensino Tradicional *versus* Ensino com Pesquisa: opiniões.**

Fez-se, aqui, uma análise do potencial que se tem hoje nas IES que ofertam o Curso de Secretariado Executivo, em termos de abertura para uma nova prática pedagógica no Curso de Secretariado Executivo e como forma de respaldar este trabalho no Curso da PUCPR. Percebeu-se uma situação bastante equilibrada em termos de ponto de vista e trabalho dentro dos paradigmas Tradicional e do Ensino com Pesquisa.

Seguem, abaixo, as opiniões dos professores participantes, divididos entre opiniões sobre o paradigma Tradicional, n.º 1, e paradigma do Ensino com Pesquisa, n.º 2.

Paradigma n.º 1:

Sujeito A: "O ensino tradicional tem grande importância mas é indispensável a pesquisa como coadjuvante no cenário do saber".

Sujeito B: "Com sua colaboração adequada e didática, mas que não pode ser limitada a esta instância, devendo partir para um vertente mais participativa e dialogante dupla seta".

Sujeito C: "Vejo como coisas que se complementam. Dependendo das características da disciplina pode-se privilegiar um ou outro. O importante é não perder de vista que o aluno deverá ter seu 'espaço' para saber pensar, refletir e construir".

Sujeito I: "O ensino tradicional faz parte da história da Educação e como tal, deverá lá permanecer. O Ensino com Pesquisa é o dínamo que converte o 'mecânico' em 'elétrico'. É veloz e acompanha as rápidas transformações com eficiência".

Sujeito K: "Ensino tradicional é importante para uniformizar conceitos e propiciar a base do conhecimento. Ensino com Pesquisa é riquíssimo, pois propicia o desenvolvimento do aluno como um todo, estimula a criatividade e liberdade de evolução".

Sujeito L: "As duas formas são válidas, depende do objetivo, do conteúdo, da realidade do aluno. É claro que a pesquisa é fundamental na arte de ensinar".

Sujeito Q: "Eu, particularmente, entendo que os dois são importante e procuro aliar um ao outro sempre com as últimas informações possíveis".

Sujeito T: "Não podemos repudiar o ensino tradicional pois somos frutos dele e durante certo tempo nos serviu bem, mas o ensino com pesquisa leva o aluno a ser agente e sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, levando-o à reflexão e conseqüente crescimento".

Paradigma n.º 2:

Sujeito D: "O ensino tradicional é muito cômodo e importante para aqueles que se importam só com o diploma (papel). O ensino com pesquisa é mais dinâmico e prepara melhor os futuros profissionais".

Sujeito E: "O ensino tradicional tem sido reestruturado em atendimento às novas tendências, fator este de extrema relevância, porém, os temas ministrados acabam sendo limitados, enquanto que, o ensino com pesquisa tende a explanar novos horizontes, ou seja, incentivar e criar novas técnicas, bem como aperfeiçoar conhecimentos já existentes".

Sujeito F: "O ensino tradicional acredito ser um tema mal empregado, sugerindo professores acomodados em suas funções, profundos conhecedores da verdade, próximos do ensino e distante da Educação. Hoje a pesquisa é necessária sobretudo pelas permanentes mudanças (globais) e advindo a quebra de paradigmas; tendo o objetivo de formação de melhores pessoas para o mundo em todos os sentidos: moral, social e profissional".

Sujeito G: "A visão mecanicista pautada no pensamento cartesiano-newtoniano influenciou e ainda influencia a educação, privilegiando a memorização, a repetição e a cópia. Tolhe a capacidade crítica dos alunos, já

que está centrada no professor e na transmissão do conteúdo. Já o ensino com pesquisa, na minha opinião, está apoiado no novo pensamento científico que compreende o indivíduo como algo indiviso que constrói o conhecimento usando as sensações, as emoções, a razão e a intuição”.

Sujeito H: “O ensino tradicional acaba tornando-se maçante ao aluno, que acaba desmotivado em apenas receber as informações do professor (ele não consegue absorvê-las por completo)”.

Sujeito J: “Acredito que uma das vantagens que o Ensino com Pesquisa tem sobre o tradicional é o fato de estar sempre descobrindo coisas novas, aprendendo mais, de diversos aspectos e, até mesmo, reforçando o aprendizado”.

Sujeito M: “O ensino de pesquisa permite ao aluno construir seu próprio conhecimento, enquanto que o ensino tradicional mostra-se mais como um repasse ou repetição de conteúdos no qual não se exige muito da capacidade criativa do indivíduo. Assim sendo consideramos que já não existe na nossa realidade muito espaço para tal método de ensino”.

Sujeito N: “O tradicional limita. A pesquisa abre um leque de opções para o aprendizado!”.

Sujeito O: “Atualmente, o ensino sem pesquisa torna-se obsoleto, pois a velocidade do mercado é muito rápida e se nos prendermos ao ‘tradicional’, com certeza ficaremos ‘falando sozinho’”.

Sujeito P: “O ensino tradicional quase que é unilateral e a busca do conhecimento é só através de um canal. Já na pesquisa há a busca em vários canais e há sempre a análise do pesquisador”.

Sujeito R: “No ensino tradicional, o aluno é um elemento passivo, apenas absorvendo o que lhe é transmitido e obstruindo a construção do saber. O Ensino com pesquisa promove o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, visão crítica e analítica da realidade que o cerca, constituindo-se na oportunidade de atuar como Agente de Mudanças”.

Sujeito S: “No ensino tradicional o aluno é um ‘recipiente’ onde o professor deposita o conhecimento adquirido ao longo de sua vida acadêmica e profissional. No ensino com pesquisa, o aluno empreende uma busca minuciosa para averiguação da realidade. O aluno investiga e estuda com o objetivo de descobrir ou estabelecer fatores ou princípios relativos ao campo do conhecimento ou da profissão dos eu interesse. Ele amplia as informações do professor, podendo questioná-las, aceitá-las ou refutá-las”.

(um dos professores não respondeu a esta pergunta).

Percebe-se que ambos os métodos de ensino são importantes: dentro de um ou outro paradigma. Tanto o ensino tradicional quanto o de Ensino com Pesquisa, são importantes. Apesar de se precisar trabalhar com o último paradigma,

por tantas justificativas já feitas ao longo do trabalho, importante também se faz lembrar que o ensino tradicional já teve e ainda tem sua importância, principalmente falando-se da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, em que conceitos técnicos, já consolidados, deverão ser mantidos. Porém, deve-se dar abertura, obviamente, para se trabalhar e buscar o novo, e esta tem sido a intenção deste trabalho.

- **A formação do professor para uma nova prática**

Primeiramente, uma vez que o objeto do presente trabalho é o ensino com pesquisa, faz-se necessário apontar para uma das grandes premissas e necessidades do ensino, não só superior, mas também de ensino básico: a formação continuada do professor.

Segundo NÓVOA (1995, p. 10), não se pode falar de formação docente sem recair na questão fulcral de se buscar, infinitamente, a própria formação; o professor, profissional reflexivo, independente da área a que pertença, deverá buscar reciclar-se sempre. Tal ação é inerente à pesquisa, uma vez que é meio facilitador da formação contínua.

O professor deve ser aquele que não apenas difunde o saber, mas, principalmente, ensina a saber-fazer-saber. O ser professor não pode ser encarado como uma complementação dos ganhos mensais, sem o profissionalismo necessário, concepção arraigada quase até agora, em que ser professor significa “aprender aos poucos”.

Pode-se questionar a presente exposição e sugestão, pelo fato de vir, claramente, a contribuir para ao acúmulo de trabalho pelo professor, quando este já se vê às voltas com inúmeras turmas, até por questões financeiras, quantificando em detrimento da qualidade. Porém, novamente, busca-se apoio em NÓVOA (1995), quando diz que a docência tem deixado de lado o “desenvolvimento pessoal”, confundindo “formar” com “formar-se” (IN: Os professores e a sua formação, p. 24).

Deve-se firmar a opinião de que o ensinar também ajuda o “formar-se”, emprestando o termo de Nóvoa, se esse ensinar for realizado por meio do ensino com pesquisa. Como já defendido, é óbvio que o professor estará se aprimorando com a pesquisa realizada por ocasião do preparo de suas aulas: fazendo com que os alunos pesquisem, estará também aprendendo com eles. Ou melhor, segundo Carlos Marcelo Garcia, “A indagação reflexiva pode ser uma estratégia a utilizar com os professores em formação e em exercício, facilitando uma tomada de consciência dos problemas da prática de ensino (Ross & Hannay, 1986). A indagação reflexiva analisa as causas e conseqüências da conduta docente, separando os limites didáticos e da própria aula.” (op.cit., p. 55).

O apelo, se há necessidade de tal, pois a partir do momento que se opta pela carreira docente, ou mesmo, a partir do instante em que a carreira “acontece” para determinados profissionais, é de que esse profissional, agora do ensino, busque o seu investimento pessoal. Num primeiro momento, com seus próprios recursos, pela sua própria vontade, ratificando a postura docente do ensinar a saber-fazer-saber.

Um dos grandes entraves na história docente brasileira é que esse profissional deixou de sê-lo por ocasião da antiga LDB. Políticas restritivas e outros fatos contribuíram para tanto. Este é um dos grandes problemas a serem resolvidos: o fato de os professores não se considerarem profissionais.

É condição fundamental para o docente ter “no formar outrem” a sua própria formação. Como no caso de Secretariado Executivo, com relação à disciplina Técnicas de Secretariado, dinâmica e interdisciplinar, não há receitas prontas ou respostas fechadas; daí a necessidade de se buscarem respostas novas a situações novas e particulares, respostas essas que só serão possíveis num trabalho conjunto, reflexivo, professor-aluno-professor.

Não se deve fazer com que o ensinar se torne um fazer estanque, engessado; pela pesquisa se é possível evitar que isso aconteça. Até por força dos avanços tecnológicos, que o docente deverá trazer para dentro da sala de aula, é impossível proceder de outra forma que não a busca de atualização e entrosamento com novas formas do fazer pedagógico. O docente é um conjunto de saberes articulados: há a necessidade da competência técnica e teórica, combinadas em perfeita harmonia com a sua prática pedagógica, passando, indubitavelmente, por uma ação reflexiva do melhor-fazer.

Naturalmente que todo esse processo não pode ficar alheio à instituição em que está inserido: são interdependentes.

Nesse ponto, deve-se voltar à questão da ação docente, novamente recorrendo à NÓVOA (1995), quando diz: “Toda a formação encerra um projecto de acção. E de trans-formação”. Eis a essência da presente proposta: uma nova atitude

metodológica, uma vez que o que se propõe é inovador no conjunto, porém não há nada que já tenha sido objeto de estudo dentro da academia. O desafio consiste em justamente colocar vários elementos atitudinais, pedagógicos e científicos, a favor de uma chamada nova prática pedagógica, buscando justamente a transformação.

O desafio maior reside justamente no fato de esse professor tentar buscar por si só a transformação, pelo menos em um primeiro momento. No entanto, é necessário que se faça algo para contribuir em pequena parcela que seja, deixando a reforma educacional de ser uma utopia: é preciso começar, não importa que aparente ser pequena essa ação.

Dessa forma, espera-se também contribuir efetivamente para a formação do professor, de acordo com THOMAS POPKEWITZ (1995): “A formação de professores tem-se preocupado com uma fragmentária aquisição de informação e de competências dirigidas para a prática, minimizando uma orientação intelectual”.

O professor deve buscar o estabelecimento de sua competência, o que só se pode dar por meio do saber. Esse saber permitir-lhe-á administrar as diferentes facetas e peculiaridades de suas turmas no seu dia-a-dia docente.

Pollard e Tann (IN: NÓVOA, 1995), descreveram as destrezas necessárias para a realização de um ensino reflexivo: **destrezas empíricas** (capacidade de diagnóstico em nível de sala de aula e escola); **destrezas analíticas** (necessários para analisar os dados e a partir deles elaborar uma teoria); **destrezas avaliativas** (as que se prendem com o processo de valoração, emissão de juízo sobre as conseqüências educativas dos projetos e a importância dos resultados obtidos); **destrezas estratégicas** (planejamento da ação, sua antecipação e análise); **destrezas**

práticas (capacidade de relacionar a análise com a prática, com os fins e meios para obter um efeito satisfatório); **destrezas de comunicação** (os professores reflexivos necessitam de comunicar e partilhar suas idéias com outros colegas, o que sublinha a importância das atividades de trabalho e de discussão em grupo).

Não basta o mero conhecimento do método, mas o desejo e vontade de empregá-lo. A vontade de demonstrar o seu interesse pela aprendizagem do aluno remete a Ricoeur em seu discurso da ação ao falar do agente e sua motivação.

Naturalmente que para esse tipo de conduta é necessário que o professor busque deixar de lado toda e qualquer forma de repressão e tradicionalismos: deve receber as diferenças de braços, coração e alma abertos.

É prática talvez condenada por muitos: a imitação (vide Bruner, por Linaza, pág. 28), sugerida por Donald Schön (IN: NÓVOA, 1995), em que aquele ressalta a importância da imitação, tendo a ação primeira do professor como modelo, pois a própria imitação leva à reflexão da sua essencialidade, possibilitando a educação dialógica, uma vez que professor e aluno têm a oportunidade de se corrigirem.

Nesse ponto, há três aspectos importantes, citados por Schön (IN: NÓVOA, 1995), para levar a uma prática reflexiva eficaz: a compreensão das matérias pelo aluno, a interação interpessoal entre o professor e o aluno e, terceira e última, a dimensão burocrática da prática (como é que um professor vive e trabalha na escola e procura a liberdade essencial à prática reflexiva?). E, finalmente, aponta-se o mais importante: a prática reflexiva eficaz deverá envolver sempre outros conhecimentos diferentes do saber escolar.

Técnicas de Secretariado e sua Interdisciplinaridade

O Professor não foi bem preparado para o contexto em que viria a atuar, o que demonstra as características negativas do atual sistema de ensino. Não foi preparado no sentido de considerar interdisciplinaridade como fundamental para se alcançar novas metas na educação.

Já no 1.º ano do Curso de Secretariado Executivo, considerando o conteúdo programático da disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, aparecem os temas: **O Secretário Executivo no Contexto Organizacional** – em que se enfoca aspectos da área administrativa envolvendo desde seu histórico até os mais modernos conceitos; **O Secretário Executivo frente a si mesmo e à organização**, em que é chamado a dominar recursos do seu dia-a-dia e a conhecer e buscar na empresa e no mercado as tecnologias necessárias para um trabalho profissional e eficaz, e conhecimento geral sobre as atividades secretariais, o que implica a necessidade de conhecimento e traquejo no convívio humano com diferentes personalidade e situações (em que se deve dominar outras técnicas administrativas, postura pessoal e profissional).

Considerando os temas expostos, pode-se identificar possibilidades de trabalho interdisciplinar com a disciplina de Informática e com o tema Recursos de Informática. Quando se fala em Contexto Organizacional, empresa, pode-se trabalhar com o item “Câmbio” na matemática, demonstrando ao aluno a sua inter-relação. Neste ponto, o Secretário Executivo também deverá primar pelo português correto, reforçando a necessidade de um trabalho conjunto também com Inglês e

Espanhol, podendo intercambiar-se práticas de uma e de outra disciplina. A própria disciplina de Educação Física, tida ainda, há pouco, como disciplina complementar, funciona como auxiliar quando se tratar de assunto referente às políticas da empresa referente ao cuidado com os seus funcionários. É importante que todos os profissionais, neste caso os de Secretariado Executivo, atentem para a necessidade desse cuidado e sejam pioneiros na implantação da ginástica laboral e no desenvolvimento da auto-estima, ergonomia, por exemplo, uma vez que deverão estar à frente de cargos gerenciais e deverão fazer uso desse conhecimento.

Outro exemplo de interdisciplinaridade que pode ser dado é com relação à Disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, no 2.º ano, no tópico **Relações Interpessoais**, em que serão abordados, naturalmente, o relacionamento chefe-secretário-cliente e também sua eficácia administrativa, o seu contexto profissional e comportamento social e profissional, abrangendo a parte de **Protocolo e Cerimonial**. Não se pode trabalhar com os assuntos citados sem reforçar-se aqui, novamente, a necessidade da língua portuguesa, inglesa e espanhola, fundamentais tanto nas Relações Interpessoais quanto no Protocolo e Cerimonial.

Com relação aos tópicos estudados no 3.º ano, pode-se contar com trabalhos em conjunto com as disciplinas de Psicologia das Relações Interpessoais. Neste sentido, podem-se reforçar aspectos dos Assuntos **Comunicação, Relação Interpessoal, Motivação, Documentação e Arquivismo**, fundamentais quando se fala sobre **Administração do Tempo e Organização**. Soma-se a isto a disciplina de **Administração Secretarial**, reforçando conceitos e técnicas administrativas, e a

disciplina Organização de Eventos em que se fará uso dos conhecimentos protocolares e de cerimonial, tópicos estudados na Disciplina de Técnicas de Secretariado.

CAPÍTULO V

A PRÁTICA PEDAGÓGICA ADOTADA E SUGERIDA

Motivada pelo potencial humano disponível em sala de aula e pela própria vontade de desenvolver uma nova prática pedagógica, iniciei estudo no sentido de desenvolver uma proposta de Ensino com Pesquisa no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR. Essa pesquisa culminou com o presente trabalho de dissertação, que se apresenta como um Estudo de Caso.

Embora se tenha trabalhado com pesquisa qualitativa, no decorrer da pesquisa, coletaram-se dados quantitativos, oriundos de questionários aplicados em três variáveis, a docente (PUC-PR e outras IES que ofertam o Curso de Secretariado) e a discente, do 1.º ao 4.º ano do Curso, na PUCPR. Isto se fez necessário uma vez que o nosso referencial teórico seria a respeito da ação docente, enfocando a intenção e a motivação e que a hipótese era a de que, juntando-se ao ensino com pesquisa, a ação docente centrada em um trabalho de motivação, apresentaria melhores resultados. Assim, precisava-se saber o que pensavam, efetivamente, as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem a respeito do ensino com pesquisa, motivação e intenção.

A proposta pedagógica adotada para o Curso de Secretariado da PUC-PR privilegiou o trabalho da relação professor-aluno, a fim de que se desse a

empatia necessária também junto aos temas tratados, despertando o ciclo contínuo de construção e auto-construção e o estímulo do aluno à pesquisa.

Deve-se fazer com que o aluno aprenda a buscar respostas para suas inquietações e, conseqüentemente, melhor compreensão do mundo que o cerca, de modo a se fazer uma ponte entre as teorias que recebe e sua própria experiência de vida. Assim, a metodologia estará contribuindo não apenas para o seu lado pessoal, mas também para o lado profissional, com o conseqüente retorno de contribuições para a sua comunidade.

Desta forma, o docente terá como técnica pedagógica evidenciar ao aluno de que os conteúdos programáticos trazidos pela disciplina não são verdades prontas e acabadas, mas um começo do recomeço individual, novamente salientando a importância da ação docente, sua intenção e a motivação desse professor.

Importante lembrar que a maioria da clientela do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR é adolescente, de que emerge a necessidade de se proceder à adequação da linguagem. Partiu-se do princípio de que, uma vez feita a pesquisa pelo docente (o docente precisa também aprender a aprender), e motivando seu aluno a trabalhar o ensino com pesquisa, irá produzir-se conhecimento, mesmo que modesto, resultando em produção de saber. Um dos grandes desafios da pesquisa foi, conforme já apontado, a pouca bibliografia existente na área. No entanto, a dificuldade reverte-se em benefício quando se vê este docente obrigado a buscar e em fontes não tradicionais, as informações, o conhecimento já existente e necessário, favorecendo-se, assim, inclusive, a interdisciplinaridade no Curso. As abordagens de Ricoeur, Linaza, Bruner e Habermas foram trazidas como

embasamento teórico à nossa ação na Disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório.

Vê-se a seguir não um quadro comparativo, mas um “quadro complementar”, em que uma teoria soma-se à outra, na tentativa de trazer clareza na apresentação dos aspectos teóricos que embasam e que direcionaram este trabalho.

CARACTERÍSTICAS	RICOEUR	HABERMAS
Razão	A razão é o que torna a ação compreensível para os outros e mim mesmo. É o motivo como uma razão de. Em determinados contextos o motivo significa razão e consiste em esclarecer, em tornar inteligível, em fazer compreender e legitimar a ação.	Racionalidade cognitivo-instrumental capacidade de manipular informadamente e de adaptar-se inteligentemente às condições de um meio ambiente contingente. Processo desencadeado pela disposição e capacidade dos parceiros da interação de sustentar discursivamente suas posições mediante argumentos.
Paradigma	A fenomenologia e a análise lingüística juntas não constituem senão um só e único discurso, descritivo e analítico, cuja unidade aparecerá melhor quando, por conseguinte, se lhe opuser outro tipo de discurso, constitutivo e dialético: será o discurso da ação significativa.	Assentado na linguagem, na comunicação, na intersubjetividade.

Ação	É a continuação do dizer; dizer é começar a fazer movimento investido de intencionalidade. Na explicação da ação há um ponto em que "explicar" e "compreender" coincidem.	Aquelas manifestações simbólicas nas quais o ator entra em relação com o mundo objetivo. A linguagem é o suposto das ações (mundos objetivo, social e subjetivo e que... (...)compreende uma dimensão reflexiva; obriga a uma defesa (razões, mediante argumentos que conduz a um consenso), e, também, situação ideal, com veracidade, correção (intenção), sinceridade e inteligibilidade.
Entendimento	Da ação. Surge aqui como primeiro escalão de uma análise conceitual o que uma certa escola chamou a análise da linguagem ordinária, isto é, o que se diz quando se enuncia de modo compreensivo para outrem o que se fez, por que se fez, o que leva a agir assim, como e com que meios se fez e com que objetivo se fez.	Não significa um processo empírico que dá lugar a um consenso fático, mas um processo de recíproco convencimento, que coordena as ações dos vários participantes à base de uma motivação por razões. Comunicação dirigida para um acordo válido.
Linguagem	A linguagem da ação "faz sentido" numa situação que não é de observação, mas precisamente enquanto informa o próprio agir no processo da transação que decorre de agente para agente.	Condição básica p/interação social. Relação entre a linguagem e seus usuários (pragmática), busca mais do que a mera compreensão dos significados transmitidos.

* Fontes: RICOEUR, Paul. **O discurso da ação**. Lisboa: Edições 70, 1988 e, NETTO, José Paulo. **Nótula à teoria da ação comunicativa, de Habermas**. São Paulo: Cortez FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC, 1993.

Não se trata de buscar homogeneidades entre ambos os teóricos, mas, antes, de estabelecer uma rede de pressupostos teóricos que, em conjunto, resultem numa prática pedagógica mais adequada, levando em consideração a Ação Comunicativa de Habermas e a Ação de Ricoeur, e tendo em vista a intenção e a motivação de ambos os lados, professor e aluno.

Por que trabalhar intenção e motivação? É importante que o professor tenha muito claro para si o seu papel como docente, sua responsabilidade social e cultural, ou seja, a sua intenção ao ensinar. Uma coisa é preparar pessoas com discernimento, capazes de intervir no processo sócio-econômico-cultural e de buscar o próprio conhecimento, a outra é a necessidade de se preparar pesquisadores, produtores de novos saberes.

A motivação também viria a complementar a sua conduta em sala de aula, pois dificilmente o aluno não perceberá que trabalha com um professor com didática (ao expor seus objetivos e sua intenção) e motivado. Assim, ficará mais fácil abordar os tópicos do conteúdo na forma de ensino com pesquisa, porque o aluno saberá a sua validade enquanto realidade prática e formativa.

A partir da importância que o docente dê ao seu trabalho de pesquisa, ao seu trabalho como professor, será motivada a ação discente de buscar chegar ao conhecimento pelos próprios passos e, também, por ter em vista a competência do professor, condição natural quando se tratar de professor-pesquisador.

A proposta é que, nesse diálogo entre professor e aluno, aconteça a verdadeira comunicação em que, de acordo com Habermas, um colocará o tema cada vez mais claro para o outro.

Como já foi dito, tornou-se extremamente importante a avaliação do perfil discente por meio dos questionários, uma vez que suas respostas serviram para balizar o trabalho a ser feito em sala de aula.

Ao ter-se colocado modelo da metodologia aplicada em sala de aula na Disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório, visou-se a partilhar uma experiência que surtiu efeitos e até mesmo depoimentos espontâneos por parte de alguns alunos envolvidos no processo. Buscou-se, acima de tudo, sair da reprodução de conhecimento para a sua produção, ou seja, para a elaboração de textos.

Observa-se, ainda, a importância da aplicação de questionários com intuito de saber o perfil discente com dados que conduziram a ação docente da seguinte forma: para aqueles alunos que têm a prática da “pesquisa” como “cópia”, diz-se que é uma situação passível de alteração desde que o docente trabalhe e exponha sua metodologia de forma bastante clara para o aluno e, principalmente, mostre a ele “como fazer”, incentivando-o a dar pequenas contribuições como opinião pessoal, conclusões, etc. Agora, se o perfil detectado for aquele de “pesquisa para aumento de capacidade competitiva”, isso deverá ser trabalhado de forma positiva, pois já se conta com uma variável bastante significativa: a da motivação discente. Basta canalizar, adaptar texto e trabalhos à realidade do aluno.

Aqueles que fazem pesquisa para aprender mais, esses estão muito próximos do perfil acadêmico ideal: só precisam descobrir o acesso à produção de conhecimento, ou seja, aprenderem a trabalhar com as informações reunidas (síncrese), proceder à síntese, para finalizar com sua análise pessoal.

O estabelecimento da frequência da pesquisa na vida do estudante é importante para que se possa, a partir daí, balizar a ação docente no que diz respeito à metodologia proposta: deve-se orientá-los nos trabalhos, deixando clara a importância da “atividade” para o seu cotidiano sócio-profissional, principalmente àqueles que se enquadrarem na situação de “nunca” ou “raramente” fazerem pesquisa.

Deve-se ter em mente que o aluno “quer aprender mais”, só não está amadurecido intelectualmente para aprender pela pesquisa, e é aqui que se sugere a metodologia trabalhada junto ao Curso de Secretariado Executivo da PUCPR, em que a proposta é a de se fazer com que o aluno aprenda mais e também crie.

Naturalmente que se terá de contornar outras dificuldades, como a formação básica do aluno, sua concepção de pesquisa e tempo. Em relação a este último, o docente deverá trabalhar em sala de aula o máximo possível, direcionando seus alunos na seleção, leitura e redação de textos voltados para o conteúdo programático.

Com relação a Técnicas Secretariais e Automação de Escritório, deve-se tentar trabalhar sobre o conteúdo temático, buscando quase que recriá-lo e depois “procriá-lo”, buscando, no dia-a-dia do aluno, a sua interligação e sentido.

O professor também pode trabalhar com os seus alunos, fomentando o intercâmbio entre eles, propiciando a troca de informações e de conhecimento, a “socialização do saber”. Deve-se esquecer um pouco das obrigações de cumprimento de tempo e conteúdo programático, para buscar, na pedagogia interativa e dialógica, o verdadeiro momento da aula.

As conseqüências serão as melhores possíveis, uma vez que o aluno sentirá que começa a andar por si mesmo, passando o professor a ter retorno visível de seu trabalho e aumento de sua motivação pessoal.

Deve-se reconhecer que não é tarefa fácil mudar, de um dia para o outro, de uma prática tradicional para a construção do saber, sem os revezes que advirão no decorrer da nova prática docente. Assim, sugere-se, também, a inclusão da disciplina Metodologia Científica, pelo menos a partir do 2.º ano do Curso, a fim de promover um apoio ao docente frente à sala de aula. Espera-se, desse modo, que o aluno apreenda a metodologia e passe a trabalhar, daí para frente, com método e com consciência do que está realizando.

É também necessário que o docente se firme como usuário dos meios eletrônicos e descubra neles os caminhos para suas aulas, não mais de reprodução, mas de construção do saber por meio da pesquisa. Se assim não o fizer, estará contribuindo para a defasagem das instituições de ensino superior, ainda consideradas como locais de produção do saber, porém ameaçadas pela socialização mais rápida e prática que a cibernética passou a oferecer.

O professor deve ser humilde, entender a limitação de seu aluno egresso de uma escola que tenha trabalhado apenas dentro do paradigma tradicional e que, portanto, não lhe deu subsídios para, a partir do tradicional, buscar novos saberes, o que limita sua ação e até capacidade de compreensão para com o professor. Esse aluno pode vir a pensar que “esse professor não quer dar aula; só manda fazer pesquisa...”. Também deve ser persistente, tentar praticar quase que a “maiêutica”, a fim de começar a extrair algo dos alunos, mostrar-lhes que também

ele, professor, aprende com seus alunos e valorizar sempre a prática da busca, conquista e produção, por menor que seja. Se possível, ao final do ano letivo, deve buscar recurso para publicação dos melhores trabalhos em veículos de comunicação.

Outras sugestões podem ser a postura de valorização da criatividade do aluno, motivando-o a produzir sempre mais por meio da pesquisa. O ensino superior, hoje, tem como parâmetros estabelecidos que o aluno, para ser aprovado, deverá ter 75% de presença e nota igual ou superior a sete em todos os bimestres. Surgem aqui algumas indagações: como saber se esse aluno realmente aprendeu? E o que ele aprendeu? Terá aprendido a se preparar e a buscar resposta para suas dúvidas?

Desse modo, reforça-se o processo de construção do conhecimento por meio da avaliação, aqui já descrito, em que os alunos da 1.^a série do Curso de Secretariado Executivo da PUC-PR, no ano de 1998, precisaram saber e complementar o seu conhecimento durante três bimestres, tendo sido comprovada a eficácia do método, conforme foi demonstrado em gráfico anterior.

Sugere-se, também, como técnica de avaliação e de aprendizado, que o aluno tenha prova com questões abertas do tipo “faça o que se recordar” e “emita comentários próprios sobre os assuntos tratados”. A partir daí o professor tem uma idéia sobre até que ponto o discente assimilou os conteúdos, e o que foi capaz de produzir por si mesmo; isso de acordo com Habermas e Kohlberg: “Formação é aquilo que resta, depois que se esqueceu de tudo”, segundo um dito alemão (IN: DEMO, 1994, p.70).

Por que ser pesquisador? Como mostrar ao aluno que se pode saber e produzir por meio da pesquisa, como mostrar-lhe um caminho, que não se percorreu? Se necessário, esse professor deverá buscar a mesma linguagem do aluno, para promover a empatia já comentada. É difícil, uma vez que vai contra a própria personalidade do docente, mas em nenhum momento cogita-se a idéia de facilidade. Pelo contrário, é necessário que se busque uma melhor ação docente, mesmo que se tenha de deixar o seu "eu" de lado e vestir algum personagem que lhe facilite a tarefa. Tudo é válido quando se trata de motivar esse aluno à pesquisa, até mesmo respeitar suas cópias iniciais (DEMO, p.78).

E com relação ao uso dos multimeios, como utilizá-los de forma que contribuam para o ensino com pesquisa? Que atitude pode tomar esse professor para fazer com que a televisão de domingo contribua para a construção do conhecimento desse aluno? Sabe-se que, assim que se pode, fica-se diante de um vídeo, televisão, revista, não necessariamente acadêmica; mas, se está se falando de era do conhecimento e "garimpagem" de informação, a primeira lição, fora o filtro que se deve ter, é justamente "enxergar" o conhecimento onde ele se acha, e que, muitas vezes, por preconceito, considera-se que ele não está ali. Por exemplo: pode-se indicar um determinado tema de estudo e pedir aos alunos que fiquem atentos aos meios de comunicação a que estiverem expostos, para se saber se, de uma fonte ou de outra, ouviram algo que contribuísse para o assunto que está sendo estudado.

É importante salientar que não se pretende tirar o mérito da cientificidade acadêmica dos livros, mas considerando a dificuldade de acesso a esse material, é importante também buscar soluções alternativas ou complementares.

Outra atitude, considerando que a PUC-PR oferece laboratórios com Internet instalados, é buscar levar sua turma, durante o ano letivo, tantas vezes quanto for possível, para que procurem nessa rede, complementos para determinado tema da aula. Respaldam-se estas sugestões nas palavras de Kenski (IN: VEIGA, 1996): “Através dos meios de comunicação recebem diversas informações: acontecimentos, teorias, novas tecnologias, descobertas científicas e históricas importantes, mas que não conseguem comentar na escola”.

DEMO (1994) é favorável à pesquisa feita em grupo, mas contrário à produção coletiva. Há o risco de ser apenas um membro do grupo que irá buscar produzir conhecimento. Sugere, então, que se faça arguição individual, elaboração pessoal. No entanto, considerando a realidade do ensino noturno, pode-se argumentar que os grupos favoreceriam, em um primeiro momento, a troca entre os participantes, e ajudariam a despertar o interesse de outros componentes do grupo, a exemplo do que se aceita em relação à cópia dos alunos, no início da mudança prevista.

Deve-se mostrar ao aluno que até mesmo o jornal, a revista de classe, ou outras que tragam artigos interessantes, virão a ser fonte de pesquisa. Na era da gestão estratégica do conhecimento, é preciso valorizar toda e qualquer fonte de informação. Nas palavras de JULIATTO (1998): “Todos temos plena convicção de que a educação e a aprendizagem não se processam tão-somente em sala de aula” (1998).

Deve-se ter em mente que o aluno aprende aquilo que interessa para si. Porém, nesse processo de busca do conhecimento, é muito importante que os alunos

saibam o que estão procurando e para que e como articular o novo com o velho (WURMAN, 1991). Tudo aquilo que é buscado pela pessoa é que é tido como relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando o presente Estudo de Caso, procurou-se deixar claro que a preocupação principal foi a de mostrar uma nova metodologia para a prática pedagógica, o Ensino com Pesquisa, focado em conjunto com fatores motivacionais, na disciplina Técnicas de Secretariado e Automação de Escritório.

No início, não se sabia ao certo como fazê-lo, mas, à medida que se teve contato com os diversos assuntos estudados no Mestrado em Educação, entendeu-se que o melhor caminho seria aquele que mais adequado estivesse ao alcance da proposta. Essa metodologia é o Ensino com Pesquisa.

Não se teve aqui a intenção de se propor medidas distantes da realidade tanto docente quanto discente, e nem mesmo de descartar o ensino tradicional. Não se procurou trazer uma única “verdade”, pois isto iria justamente contra a flexibilidade que se tentou buscar no presente trabalho. Isso, por certo, frustraria a tentativa de qualquer reformulação da ação docente.

Com referência à ação, buscou-se em Ricoeur o embasamento para o presente trabalho, numa tentativa de associação com Habermas, em que foram abordados os agentes da educação, professor e aluno, e aspectos intrínsecos ao processo educativo, intenção e motivação, os quais não podem ser, nesta concepção, alijados do processo ensino-aprendizagem.

Isto determinado e feito o levantamento, verificou-se que é possível trabalhar com Ensino e Pesquisa, apesar das oposições naturais por força do processo

vivenciado até então. Buscou-se, assim, trazer a prática o mais próximo possível da realidade do aluno. Para tanto, sugeriu-se uma adequação da linguagem desse professor, buscando essa nova ação docente, a qual, pela prática experienciada, teve boa aceitação pelos discentes. A adequação da linguagem, da ação, por muitas vezes buscando no lúdico o estabelecimento da comunicação, favorece em grande parte essa proposta, uma vez que torna o aluno mais receptivo.

Depreende-se do presente trabalho que o professor deverá, acima de tudo, ter para si, de forma muito clara, sua intenção ao ensinar, e que isso é percebido pelo aluno e contribui para alterar todo o processo de aprendizagem.

Acredita-se que o começo deve ser muito simples: tentar extrair ao máximo do próprio aluno a necessidade de fazer pesquisa, ligando-a às suas necessidades, sejam elas pessoais ou profissionais. Isso acaba por gerar a sua motivação e a do próprio professor, que será beneficiado pelo Ensino com Pesquisa em sua prática docente, uma vez que também estará aprendendo com seus alunos e com o processo.

BIBLIOGRAFIA.

1. ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliando a avaliação da aprendizagem: um novo olhar.** 1. ed. São Paulo: Lumen, 1996.
2. ALVES, Nilda (Org.). **Formação de professores pensar e fazer.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
3. BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 1996.
4. BIANCO, Enzo. **Melharemos as nossas reuniões.** São Paulo: Salesiana, 1984.
5. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante.** 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
6. BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
7. BRUNER, Jerome. **Acción, pensamiento y lenguaje.** Compilación de J. Linaza. Madrid: Alianza, 1984.
8. CADERNOS CEDES 17 – Centro de Estudos Educação e Sociedade. **O profissional do ensino.** São Paulo: Cortez, 1986.
9. CANEN, Ana. **Prática de Ensino: um espaço para a transformação da Escola.** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1984.
10. CAPRA, Fritjof. **Teia da vida.** São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1996.
11. CARVALHO, Maria do Carmo Brandt (Org.). **Teorias da ação em debate.** São Paulo: Cortez: FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC, 1993.
12. CUNHA, Luiz Antônio. **Qual a universidade?** São Paulo: Cortez, 1989 (Col. Polêmicas do nosso tempo, 31).

13. CUNHA, Maria Isabel. Relação ensino e pesquisa. (IN: VEIGA, Ilma P. Alencastro). (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.
14. COUSINET, Roger. **A formação do educador**. São Paulo: Nacional, 1955.
15. DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica do caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
16. FÁVERO, Maria de Lourdes. **A universidade em questão**. São Paulo: Cortez, 1989. (Col. Polêmicas do nosso tempo, 29).
17. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**
18. HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**, I. Madrid: Taurus, 1988.
19. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Formação de professores no Brasil (1960-1980)**. Brasília: REDUC, Rede Latino-americana de Informação e Documentação em Educação, 1987.
20. JANOTTI, Aldo. **Origens da universidade: a singularidade do caso português**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1992.
21. JULIATTO, Clemente I. **A educação na PUC-PR a serviço da vida e do futuro**. Curitiba, 1998.
22. KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez; Campo grande: Editora da UFMS, 1996.
23. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. **Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**, ano 14, n.º 17. Brasília, dez. de 1996.
24. LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 3.a ed. São Paulo: Loyola, 1986.
25. LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar: julgamento ou construção**. Petrópolis, Vozes, 1994.

26. LINAZA, Jose Luis in BRUNER, Jerome. **Acción, pensamiento y lenguaje.** Compilación de J. Linaza. Madrid: Alianza, 1984.
27. LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
28. MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática.** São Paulo: Cortez, 1995.
29. MIZUKAMI, M.G. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.
30. MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas: Papirus, 1997.
31. MOTTA, Elias de Oliveira. **LDB: quadro comparativo.** Belo Horizonte: Seção de Mecanografia da Consultoria Legislativa do Senado Federal, 1996.
32. NETTO, José Paulo. **Nótula à teoria da ação comunicativa, de Habermas.** São Paulo: Cortez FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC, 1993.
33. NÓVOA, ANTÓNIO (Coord.) **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.
34. PAOLI, Niuvenius Junqueira. **Para repensar a universidade e a pós-graduação.** 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1985.
35. PAVIANI, J. **Filosofia da educação.** Petrópolis: Vozes, 1990.
36. RAYS, Oswaldo Alonso (Coord.) **Leituras para repensar a prática educativa.** Porto Alegre: Sagra, 1990.
37. RICOEUR, Paul. **O discurso da ação.** Lisboa: Edições 70, 1988.
38. ROSAS, Paulo. **Para compreender a educação superior brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
39. SALGADO, Maria Amélia Salgado. **História das Universidades.** São Paulo: Estrela Alfa, s.d.

40. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar?: como avaliar?: critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.
41. SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. **Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa.** Petrópolis: Vozes, 1986.
42. TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
43. VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.). **Didática: o ensino e suas relações.** Campinas: Papirus, 1996.
44. WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão.** São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

OBJETIVOS DO CURSO DE MANEJO DO EXECUTIVO

de apenas uma vez

de gerenciamento

de nível

de uma de

Uma

de uma

de

ANEXOS

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de uma

de pesquisar?

QUESTIONÁRIO
PROFESSORES DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

Por favor, assinale apenas uma resposta.

Série do Curso de Secretariado Executivo em que você leciona:

☐ 1.ª série ☐ 2.ª série ☐ 3.ª série ☐ 4.ª série

1) Quanto à prática de pesquisa, você faz:

☐ nunca ☐ raramente ☐ freqüentemente ☐ sempre

2) No caso da resposta anterior ser afirmativa, você gosta de fazê-la? Por quê?

☐ melhora seu desempenho docente ☐ aprende mais
☐ descobre novidades ☐ reforça o que sabe

3) Na sua opinião, qual a melhor ação docente?

☐ o ensino tradicional (em que você repassa o conteúdo e aplica prova)
☐ o ensino com pesquisa (em que os alunos complementam o que foi dado)

4) Que caminhos você adotaria para promover a pesquisa?

5) Ao seu ver, o que motiva ou desmotiva o aluno a descobrir/pesquisar?

6) Qual a sua intenção ao ensinar?

7) Qual a sua motivação ao ensinar?

8) Você poderia listar outros meios que poderiam ser utilizados na pesquisa, além dos livros?

9) A instituição na qual você leciona facilita a pesquisa?

10) O que você pensa sobre o ensino tradicional e o Ensino com Pesquisa?

QUESTIONÁRIO
ALUNOS DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

Por favor, assinale apenas uma resposta.

Série do Curso em que estuda: ☐ 1.^a série ☐ 2.^a série ☐ 3.^a série ☐ 4.^a série

1) Quanto à prática de pesquisa, você faz:

☐ nunca ☐ raramente ☐ freqüentemente ☐ sempre

2) No caso da resposta anterior ser afirmativa, você gosta de fazê-la? Por quê?

☐ cria novas coisas ☐ aprende mais
☐ descobre novidades ☐ reforça o que aprendeu

3) Para você, fazer pesquisa é difícil porque:

4) Na sua opinião, qual o meio de estudo mais produtivo:

☐ o ensino tradicional (em que você decora e faz a prova)
☐ o ensino com pesquisa (em que você participa da construção do conhecimento)

5) Como deve ser o professor? Deve dar aulas no modelo tradicional ou por meio da pesquisa?

☐ Deve dar aulas no modelo tradicional (em que apenas repassa o conteúdo)
☐ Deve orientar à pesquisa (em que ajuda a construir conhecimento)

6) Você considera que o ensino com pesquisa contribui para a sua futura ação na sociedade?

7) Quais são as suas expectativas com relação à formação universitária?

8) Você poderia listar outros meios que poderiam ser utilizados na pesquisa, além dos livros?

9) A instituição na qual você estuda facilita a pesquisa? Explique sua resposta.

10) Como você vê a ação docente de seus professores?
